

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE NOVA ANDRADINA

CURSO LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

ANDRESSA DA SILVA AMBROSIM

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Nova Andradina - MS

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE NOVA ANDRADINA

CURSO LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

ANDRESSA DA SILVA AMBROSIM

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em Computação, apresentado a Universidade Estadual De Mato Grosso do Sul – UEMS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alaíde Pereira Japecanga Aredes.

Nova Andradina - MS

2018

ANDRESSA DA SILVA AMBROSIM

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título em Licenciatura da Computação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Nova Andradina.

Nova Andradina – MS, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Alaíde Pereira Japecanga Aredes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

ESP. Letícia Enz
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

Mestra. Sandra Albano da Silva
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

Dedico essa pesquisa primeiramente a Deus, autor do meu destino, companheiro de todos os momentos. Ele alimentou a minha alma com calma e esperança durante toda a jornada. Dedico também, a minha família que representa tudo em minha vida, por toda a compreensão, por todo o apoio nos momentos mais adversos e finalmente por ter contribuído decisivamente para o êxito em mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, todo poderoso, pela força e proteção de sempre, sem Ele, nada disso seria possível. *Agradeço* a minha Professora orientadora Alaíde, que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho e por todos aqueles que fizeram parte da minha caminhada. Agradeço muito a cada um de vocês.

AMBROSIM, Andressa da Silva. **A influência das redes sociais na educação básica**. Nova Andradina/MS, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. 73 p.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar a importância do uso de recursos tecnológicos como instrumento de enriquecimento voltado para a educação e sua contribuição para aprendizagem dos alunos na educação. Cada vez mais cedo, as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos e essa é uma realidade imutável. Mais do que entreter, as redes podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas. As redes sociais na escola podem contribuir para uso consciente dessa ferramenta, além de ser uma oportunidade para testar novas maneiras de ensinar. No entanto, para que o professor utilize essa ferramenta de forma coerente, é necessário muito estudo e planejamento. O campo educacional, no mundo contemporâneo, tem vivenciado um turbilhão de novas experiências, que vão da inovação curricular as ferramentas para o ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave: Tecnologia; Educação; Aprendizagem; Redes Sociais;

AMBROSIM, Andressa da Silva. **A influência das redes sociais na educação básica**. Nova Andradina/MS, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. 73 p.

ABSTRACT: This paper aims to present the importance of the use of technological resources as an instrument of enrichment aimed at education and its contribution to student learning in education. Earlier, social networks become part of the daily lives of students and this is an immutable reality. More than entertaining, networks can become valuable interaction tools to aid in your classroom work as long as they are well used. The social networks in the school can contribute to the conscious use of this tool, besides being an opportunity to test new ways of teaching. However, for the teacher to use this tool consistently, much study and planning is required. The educational field, in the contemporary world, has experienced a swirl of new experiences, ranging from curricular innovation to teaching and learning tools.

Keywords: Technology; Education; Learning; Social networks;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. AS ESCOLAS HOJE.....	14
2.1. Metodologia de ensino: o tradicionalismo e as novas tecnologias	14
2.2. Os professores e as escolas, e sua adequação aos novos métodos de ensino	18
3. OS ESTUDANTES.....	23
3.1. O perfil do aluno atual.....	23
3.2. O comprometimento do aluno com a escola: o idealismo em face à realidade.....	29
4. AS REDES SOCIAIS.....	34
4.1. O pluralismo das redes: os tipos e atrativos das redes sociais.....	34
4.2. A influência das redes sociais sobre as pessoas	39
5. AS REDES, OS JOVENS E A EDUCAÇÃO.....	44
5.1. A utilização das redes sociais no ensino.....	44
5.2. O limiar entre a ferramenta alternativa de ensino e o meio de distração e afastamento dos estudos.....	51
6. COMPORTAMENTO E SEGURANÇA NAS REDES.....	57
6.1. O excessivo contato virtual nas redes em detrimento do contato real e físico.....	57
6.2. O dilema da segurança de personalidade nas redes sociais	60
CONCLUSÃO.....	63
ANEXO.....	65
REFERÊNCIAS.....	67

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - O aluno utiliza redes sociais?	26
Figura 2 - Uso de redes sociais entre os alunos	26
Figura 3 - Uso das redes sociais por alunos	27
Figura 4 - Estatísticas do Facebook	36
Figura 5 - Redes Sociais utilizadas pelos jovens	38

1 INTRODUÇÃO

É cada vez mais recorrente o uso das redes sociais no cotidiano de crianças e jovens. Tal realidade é imutável. Ainda que a função principal, ao menos num plano teórico, de tais redes sociais seja voltada ao entretenimento, é preciso reconhecer: elas têm sido ferramentas de interação valiosíssimas para auxiliar o trabalho em salas de aula, quando são bem utilizadas e administradas. Isso se dá pois o contato com os estudantes na internet ajuda o professor a conhecê-los melhor. Uma vez que o professor conhece os anseios e interesses dos jovens para os quais dá aula, fica mais simplificado de preparar aulas interessantes e pontos de foco fulcrais, algo que facilita a aprendizagem.

Paulo Freire (1921-1997) sempre previu algo inevitável: os aspectos sociais da comunicação influenciam diretamente nos eixos fundamentais de uma proposta educativa, fazendo-se do uso das mais sofisticadas formas e elementos comunicacionais para formar professor e aluno, ajudando o indivíduo a deixar a manipulação e a formar uma opinião crítica e reflexiva.

Além de toda a equipagem de suporte à educação ter evoluído e se efetivado como poderoso meio tecnológico no auxílio ao ensino e à busca por conhecimento, o crescimento latente no uso das redes sociais, principalmente pelos alunos, tem influenciado a educação em vários aspectos positivos e negativos.

De maneira sucinta, podemos levantar alguns aspectos positivos, que serão mais detalhados ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, em seus capítulos posteriores. Sejam eles: contribuição em novas possibilidades de aprendizagem, uma que é fácil o acesso às informações através da internet e a comunicação através das redes sociais e cursos a distância abrem espaço para um aprendizado em rede.

Na contramão a este pensamento otimista, é necessário reconhecer os riscos que o mau uso da internet podem oferecer. Se faz mister direcionar os jovens estudantes no uso de tantos recursos de fácil acesso, atualmente. A linguagem utilizada no meio também é de grande atenção voltada entre pais e professores, pois ela é diametralmente oposta do que é ensinado nas escolas, da forma culta da língua: é cada vez mais comum que os jovens refaçam

seu vocabulário nas redes, através de “dialetos digitais”, abreviações de palavras e substituições de letras para simplificar e tornar mais rápida a conversa, a digitação e a transmissão das ideias. O que mais preocupa é que esse dialeto está sendo inserido no dia a dia dos jovens, o que pode comprometer seu aprendizado.

Ainda em contrapartida a isso, outro aspecto que será abordado neste trabalho refere-se à recepção que professores e escolas têm em relação aos novos aparatos tecnológicos – as redes sociais inclusas neste grupo. Tal tema tem gerado um impasse entre os educadores.

A falta de capacitação de grande parte dos professores, que acabam por não utilizar os recursos tecnológicos que a escola e o meio social oferecem, assim como as redes virtuais, de que muitas vezes eles não têm nem conhecimento da existência e de como funcionam e podem ser úteis, acabam por tornar todos esses recursos pouco aproveitados nos processos de aprendizagem.

Escola e mídia estão cada vez mais próximas. Ainda assim, ao mesmo tempo, continuam distantes. Teorias, estudos, cursos. Não faltam métodos e pesquisas que defendam o trabalho em conjunto entre esses dois. Mesmo assim, a interface dessa realidade não é das melhores. A realidade indica que muitas escolas ainda não sabem lidar com os meios de comunicação que estão cada vez mais inseridos e influentes. Está ao alcance de crianças, mas, ao que parece, longe do tato dos professores.

Afinal, como é possível estabelecer uma interface criativa e construtiva entre a escola e o que hoje representam as redes sociais? Como podemos avaliar essa influência na vida de alunos e professores dentro do ponto de vista pedagógico? Quais os pontos positivos a tirar desse debate? Todas essas perguntas serão respondidas ao longo do presente trabalho.

E para responder tais questionamentos suscitados até aqui dentro do que propomos, é preciso fazer breves comentários sobre o que é a instituição “Escola Pública” hoje. Avaliar, pois a discussão pedagógica dentro desse universo em comento.

Não há a pretensão de arrolar grandes aprofundamentos sobre a mesma, é mais com o objetivo de observar um dado espaço e como este espaço pode ou não formar leitores e que tipo de leitores. Trabalha-se com a ideia de que para a formação jovens críticos e reflexivos, o ideal seria uma escola que fosse espaço de cultura.

Para tanto, teríamos que ter professores que fossem intelectuais transformadores, que realmente estejam comprometidos em transformar a realidade social. Em outras palavras, seria dizer, antes de qualquer coisa, que a escola é um espaço de cultura. E esta cultura não pode ser a cultura economicamente dominante, afinal o trabalho desta organização deve estar voltado para a sua clientela, na maioria, filhos e filhas das classes trabalhadoras.

Portanto, a cultura que se deve valorizar é a cultura dos dominados, a cultura popular. Para se ter uma escola crítica e que seja espaço de cultura, como se alude acima, é necessário a existência de professores intelectuais transformadores.

Dessa forma, pode-se dizer com mais precisão que a escola pública está formando para a cidadania, temos aqui uma finalidade clara. No entanto, isso ainda não ocorre. O que ocorre são experiências isoladas de grupos também isolados, o que contribuem muito pouco. Não há espaços de diálogos para os mais interessados nesta organização, que são seus trabalhadores e alunos, e porque não dizer, a própria comunidade.

Afirma Linbâneo (1998), que as novas tecnologias da informação e comunicação chegaram e chegaram para ficar. Agora os professores precisam ter uma formação sólida para trabalhar com esta realidade e ter consciência de que tal realidade está em constante mudança. Hoje nós temos uma determinada tecnologia, amanhã é outra, então, teremos que estar prontos para o novo. Um discurso nem tão novo, mas de importância nova: ou aceitamos a realidade e nos adequamos às novas tecnologias ou estamos fadados ao fracasso. Mudanças atitudinais são necessárias nesse século XXI.

Há, ainda, um contraponto. Segundo Nogueira (2002), vivemos numa era de paradoxos e poucas certezas. Nesse sentido, temos que visualizar saídas que passem pela edificação de um consistente sistema educacional e pela reinvenção da escola. Valorizamos a escola que não temos, em virtude da “sociedade inteligente”, que às vezes não passa de uma enganação, ou seja, o discurso de que não sobreviveremos sem tecnologias mais avançadas é realmente uma falácia. Se este discurso fosse real, nós de países em desenvolvimento estaríamos fadados ao fracasso, morreríamos certamente. As tecnologias nunca foram e nunca serão redentoras para os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que enfrentamos historicamente.

Para o autor, criticamos a escola que temos, porque ela expressa muito mais o passado que nos causa horror do que o presente que nos desafia. Esta crítica se dá porque também vivemos mais em contexto de reformas administrativas e não de mudanças; Os educadores estão cansados, cansaço esse por conta de más relações, principalmente com a comunidade.

Por outro lado, ainda não perdemos a esperança. O que ocorre é que ainda não sabemos as tramas que o poder nos reserva. Nesse sentido, encontram-se nas escolas, de modo geral, mais administradores do que dirigentes (Nogueira, 2002, p.19).

E é neste contexto que devemos pensar a problemática das redes sociais na escola, em outras palavras, seria indagar: será que a escola pública que temos dá conta de ensinar o aluno este mundo altamente “tecnologizado”?

Temos, portanto, um personagem central nessa discussão: a Educação. E dentro desse personagem central englobamos alunos, professores, as escolas e demais responsáveis por fazer desse sistema um organismo vivo dentro da concepção formadora de sociedade. A construção social de um povo passa por esse sistema e, por isso, precisamos sempre mantê-lo em equilíbrio com a sociedade a que está inserida. Abordaremos, portanto, tais personagens e tal questão fulcral e fundamental aqui já explicitada. Ao trabalho, pois.

1. AS ESCOLAS HOJE

A educação tem, hoje, vários pilares fundamentais. Um desses pilares fulcrais é, sem dúvida alguma, a escola. E aqui não tratamos a escola apenas como um espaço físico, e sim como a entidade, o organismo que rege boa parte das relações educacionais cotidianamente.

Professores, profissionais da educação, métodos de ensino, meios e tecnologias, todos os instrumentos que regem a orquestra de ensino e formação de novos cidadãos para a sociedade.

Mesmo assim, o ensino e a instituição que o regem não são sólidos, imutáveis, nem seguem uma fórmula rígida. São, acima de tudo, reflexos da sociedade que os cercam. Reflexos que formam reflexos – os cidadãos do futuro passam pela escola, numa teoria de espelhos paralelos e virados um para o outro. E, por sua fluidez de acordo com o meio que o cerca, a escola é sempre mutável.

Renovam-se os ciclos, novos métodos são trazidos a tona com novos e velhos professores se adequando aos anseios sociais que demandam uma abordagem contemporânea para o aprendizado dos novos indivíduos em formação.

Para abordar o impacto das redes na educação, portanto, é preciso abordar, em um primeiro plano, a instituição que rege a educação: a escola. Metodologias, profissionais e a abertura para o novo mundo de tecnologia que se expande e invade também o espaço da educação. É o que passaremos a tratar no presente capítulo.

2.1. Metodologia de ensino: o tradicionalismo e as novas tecnologias.

Novas perspectivas de ensino surgem contemporaneamente tendo por base a complementação dinâmica propiciada por novas tecnologias, além de visar um melhoramento no foco pedagógico, com a finalidade de solidificar novas aprendizagens. Aparecem, assim, novas formas de se combinar tecnologia e ensino, transformando e dando o caráter da fluidez que já atribuímos para a pedagogia. Empregam-se novos meios na educação.

Uma breve análise sobre as fontes de ensino e suas metodologias revela o poder de difundir o conhecimento através dessa inter-relação tecnologia/ensino. Desta forma, com todos os subsídios disponíveis, têm-se novas oportunidades de implementar no ensino as sugestões de gradual renovação dos instrumentos de difusão de conhecimento, inserindo-se os equipamentos redundantes da tecnologia na contextualização escolar.

Da Antiguidade até o início do século XIX, predominou na prática-escolar uma aprendizagem de tipo passivo e receptivo. Aprender era quase exclusivamente memorizar. Assim, a compreensão desempenhava um papel muito diminuto. Isto porque era algo bastante baseado na concepção de que o ser humano fosse modelado a bel prazer daqueles que comandavam.

Tal teoria foi remodelada ao longo dos anos, trazendo novas metáforas a velhas metodologias. Enquanto Aristóteles, por exemplo, professava que o ser humano era como um pedaço de argila úmida que poderia ser modelado à vontade, no século XVII, os professores difundiam a ideia de que o ideal de que o pensamento humano era como uma tábua lisa, um papel branco sem nada escrito, onde tudo poderia ser impresso. Variações de uma mesma teoria que se sustentou por dois milênios.

Ler e escrever eram ensinados de maneira protocolar, da mesma forma que se ensinava a tocar um instrumento musical ou um ofício laboral – como a marcenaria. Por meio da repetição de exercícios graduais, dificultando-se a cada nível, o aluno passava de exercícios complexos até que se tornassem hábito. O estudo era um recital de cor e salteado.

Como o conhecimento a ser transmitido era, de certa maneira, limitado, os alunos eram submetidos a repetições adequadas, enquanto o educador utilizava procedimentos de perguntas e respostas prontas – tanto de maneira oral, quanto de maneira escrita. O modo catequético – do grego, que significa “fazer eco” – era utilizado em todas as disciplinas.

O importante era de que o aluno reproduzisse de maneira literal as frases decoradas nas respostas. A compreensão era mero pano de fundo, um segundo plano perante o discurso decorado. As respostas repetidas em modo mecânico limitavam o desenvolvimento da inteligência e impediam a elaboração do aluno. Não havia, sobretudo, reflexões sobre o assunto estudado.

Tal metodologia de ensino foi predominante por muito tempo. A repetição verbal de fórmulas prontas dominou durante séculos. Mesmo assim, não foram poucos os filósofos e educadores a martelarem a tecla da ênfase à compreensão em detrimento da memorização. O objetivo era tornar mais estimulante e adaptar a aprendizagem às condições de cada aluno, onde o mesmo teria suas áreas de interesse. Daí surgiram as teorias de que o ser humano é capaz de aprender assimilando o mundo que o circunda. Dessa maneira, surgiram alguns princípios didáticos.

Sócrates (470 a.C-399 a.C), mesmo, doutrinava que o mestre tinha a função unicamente de ajudar o discípulo a descobrir, por si mesmo, o caminho e a verdade. Afirmava que os mestres devem ter paciência com erros e dúvidas dos alunos. Levava-se pelo raciocínio de que a consciência do erro que os leva a progredir nos processos de aprendizagem.

João Amos Comenius (1592 – 1670) afirmava que o ser humano era a obra mais perfeita já criada. Comenius tinha forte caracterização cristã, afirmando que o fim do homem era a finalidade eterna. Dessa forma, o objetivo da educação é de ajudar o homem a atingir essa finalidade ao desenvolver o domínio de si mesmo com o conhecimento próprio acerca dele mesmo e de todas as coisas. Para o educador, o professor deve, ao ensinar:

- O aluno aprende pelo toque e pela observação. Portanto, é necessário apresentar a ideia ou o objeto de maneira direta, fazendo demonstrações.
- O conhecimento deve ser transmitido de forma que especifique a sua aplicação diária na vida do aluno, demonstrando sua utilidade específica.
- Todo fenômeno possui uma natureza e uma origem, ou seja, suas causas. É necessário que se referencie esses pontos.
- É preciso que o aluno saiba quais princípios permeiam o assunto em estudo. O ensino desses princípios vem primeiro.
- Só se pode passar ao tópico seguinte quando o aluno tiver compreendido o anterior, para que o aprendizado não seja lacunoso.

Os pressupostos da prática docente trazidos por Comenius revolucionaram as metodologias de ensino no século XVII. Os avanços que o professor trouxe ajudou muito a desenvolver e a chegar na metodologia base praticada hoje.

Mas a semente embrionária para as novas metodologias de ensino veio com Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827), ao defender as doutrinas baseadas em Rousseau, ao acreditar que o ser humano nascia bom e o ambiente ao redor que o modelava e formava o seu caráter, sustentava a teoria de que o ambiente deveria se aproximar ao máximo do natural, para que o indivíduo possa se desenvolver de maneira positivamente. A educação transforma a sociedade, tendendo ao fim o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todas as aptidões e liberdades humanas.

Portanto, para o pedagogo a educação era um instrumento de reforma social. Há uma pregação de que as massas devem ser educadas, onde todas as crianças devem ter livre acesso à educação escolar, por mais pobre ou limitado que sejam as condições e o meio ao qual o indivíduo estivesse envolvido.

Temos aqui um grande fator da evolução da pedagogia moderna, onde Pestalozzi é pioneiro: a educação deve respeitar o desenvolvimento infantil, com o principal objetivo de favorecer o desenvolvimento físico, intelectual e moral da pessoa, da infância à juventude, com vivência de experiências graduadas, necessárias para o exercício de tais capacidades.

Vygotsky (1896 – 1934), concorda com tal afirmação, ao considerar a seguinte a assertiva: “A escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir do seu desenvolvimento já consolidado e tendo como meta, etapas posteriores ainda não alcançadas”. (Vygotsky, 1991, p. 95)

Outro, mais contemporâneo, que contribuiu muito para o desenvolvimento da pedagogia e dos métodos de ensino foi John Dewey (1859 – 1952). A concepção que ele tinha do homem e da vida, algo que lhe foi de base para sua obra pedagógica, é de que a ação é inerente à natureza humana. Essa ação é precedente ao conhecimento e ao pensamento. O homem é, antes de tudo, um ser que age. O ser pensante é posterior ao ser que age. Um é instinto, o outro, aprendizado. A teoria será sempre resultado da prática. Dito isso, Dewey teoriza que o conhecimento e o ensino devem ser íntimos à vida prática, a ação e a experiência. O saber é instrumental: o meio de ajudar o homem na vida prática, ao longo de sua existência.

Vygotsky (1896 – 1934), afirma:

Desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las à sua cultura e à reserva de

significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente. No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, especialmente àqueles proporcionados por sua herança biológica. Mas, através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma. (Vygotsky, 1991, p. 67).

Muitos filósofos e educadores tentaram definir e defender a necessidade de rever os processos de ensino, os educadores acima apresentados se destacam por sua obra tanto teórica quanto prática. Assim, tornaram-se verdadeiras referências do pensamento educacional. Suas ideias repercutiram diretamente no campo da Didática. Não só houve uma reforma dos métodos de ensino como também aplicaram, em suas práticas educativas, as ideias que tanto defenderam. Apresentaram ideias e concepções diferentes e, apesar disso, tiveram um aspecto em comum: tentaram fazer com que a reforma do ensino não ficasse restrita a uma pequena classe dominante, mas estendendo a uma parcela cada vez maior da população. Assim, houve a fé de que a educação popular e tentaram mostrar que qualidade e quantidade não são completamente indissociáveis, e que podem, num certo momento, andar paralelamente.

Apresentado, portanto, esse panorama evolucionar da educação e das metodologias pedagógicas, é hora de avançarmos para outro ponto salutar no processo educacional: o professor, e verificar como essa figura fundamental se adequa para os novos meios tecnológicos que invadem as salas de aula.

2.2. Os professores e as escolas, e sua adequação aos novos métodos de ensino.

Diante da crescente expansão e renovação das tecnologias na sociedade atual, não se pode escantear uma nova necessidade de importar para dentro da sala de aula tais inovações. É muito comum, as tecnologias digitais fazem-se presentes em todos os meios e locais – do trabalho ao cotidiano, moldando a maneira como ensinamos e aprendemos. As novas tecnologias estão integrando-se ao nosso cotidiano, e o acesso à informação está tornando-se cada vez mais natural, corriqueiro. Portanto, é natural que as mudanças tecnológicas também modifiquem as novas gerações que surgem, e assim sendo, surge um novo contexto pedagógico e educacional que exige uma nova roupagem por parte do educador.

É natural que os professores necessitem de acompanhar as mudanças a fim de caminhar em paralelo a elas. Porém, já é fato que a maioria dos professores estão acostumados com o ensino tradicional, linear, baseado em textos. Assim, prováveis desafios podem vir a ser encarados pelos profissionais das salas de aulas, entre os quais, frisa-se a necessidade de educação dos meios digitais, a resistência ao uso de novas tecnologias e à formação continuada. Por isso, é fulcral para o professor buscar um aperfeiçoamento continuamente, a fim de adaptar-se às novas metodologias que aparecem para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Devemos sempre andar à par da evolução, a fim de buscar o conhecimento, para que possamos compartilhá-lo.

Os educadores precisam desenvolver o conhecimento e habilidades continuamente durante suas caminhadas como pedagogos. Investir em professores é a maneira mais produtiva para aumentar os índices de eficácia e a melhora na escola. Não basta refletir sobre o quanto ensinar, mas também em como ensinar. É necessário que se empreenda novas metodologias de ensino para apoiar-se nas ferramentas novas, que surgem a fim de melhorar a qualidade de ensino, ao invés de resistir às qualidades que estas oferecem.

Para que possa progredir, o professor não deve ser apenas um educador, mas também aluno constante. Não basta buscar o conhecimento, mas deve-se também perceber a perspectiva de seus alunos em sala de aula. É o que afirma Moran (2007):

Quando pensamos em educação costumamos pensar no outro, no aluno, no aprendiz e esquecer como é importante olharmo-nos os que somos profissionais do ensino e como sujeitos e objetos também de aprendizagem. Ao focarmo-nos como aprendizes, muda a forma de ensinar. Se me vejo como aprendiz, antes do que professor, me coloco numa atitude mais atenta, receptiva, e tenho mais facilidade em estar no lugar do aluno, de aproximar-me a como ele vê, a modificar meus pontos de vista. (Moran, 2007, p. 73-86).

Hoje, o professor deve ser um fator de facilitação da aprendizagem, deve ser, acima de tudo, um aluno. Deve estar em uma imparável formação, onde isso vai lhe trazer vantagens – e não somente para a escola e para os seus alunos. Moran (2009) afirma que, como professores, “ensinaremos melhor se mantivermos uma atitude inquieta, humilde e confiante com a vida, com os outros e conosco, tentando sempre aprender, comunicar e praticar o que percebemos até onde nos for possível a cada momento”. Ainda se faz de suma importância que se

reflita de maneira crítica e levante questões sobre as atuais práticas pedagógicas no contexto de atuação.

Almeida (2005) corrobora:

Por estar sempre em busca de desafios na sua auto/formação profissional e intelectual, o professor descobre que não precisa temer os conflitos e as transformações advindos de uma postura dialética no exercício do seu ofício, pois, assim é na vida real das pessoas, não há receita de sucesso sempre, não há imunidade contra lutas e conflitos; é experimentando e passando por tantos que ele constrói, desconstrói, reconstrói, não apenas uma vez, mas quantas vezes for necessário, o conhecimento e o amadurecimento do seu papel como mediador, formador de uma práxis social mais justa e mais solidária com seus alunos, colegas e quem mais estiver ao seu redor. (Almeida, A. E, 2005, visitado em 20 de Agosto de 2015).

Dito isso, é preciso que se reforce o compromisso pedagógico da utilização de novas tecnologias dentro do mundo educacional. Uma sociedade líquida exige que se renove o sistema educacional. Há a necessidade de maior conhecimento, mais qualificação, e não apenas a transmissão de informação por si só, de um modo vazio. É preciso que se enseje uma maior desenvoltura para práticas criativas, que pensem, oportunizem a iniciativa do aluno, e, principalmente, um domínio de novas tecnologias e competência para resolver as questões que se apresentam no cotidiano da vida.

Assim, espera-se do educador a capacidade de mediar o processo de conhecimento, com recursos tecnológicos e que favoreçam a interação humana junto da autonomia, num clima de cooperação e colaboração. É parte de uma proposta de Vygotsky, já defendida anteriormente nesse presente exposto: se faz urgente que se busque uma comunicação interativa, em processo de construção social aberto, transparente.

Modernamente, quando falamos em interação e interatividade, logo lembramos do computador – aula com uso da tecnologia – mas queremos focalizar, também, a necessidade da interação como atuação participativa dos alunos, com ou sem tecnologia na sala de aula, apesar de sabermos que vivemos uma era tecnológica. O que faz a diferença é como o professor utilizará esta tecnologia, aproveitando seu potencial para desenvolver novos projetos educacionais. (Faria, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. 2006, visitado 27 de Julho de 2015).

Portanto, a diferença didática está posta na capacidade e no conhecimento de suas possibilidades, em saber de suas limitações e numa “compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica” . (Kenski, 1998, p. 70).

Igualmente devemos reconhecer que há uma necessidade de as escolas abrirem suas janelas pedagógicas, uma vez que o aluno, fora da escola, tem acesso à Internet e toda à mídia. Deve-se, portanto, ensiná-lo a selecionar e distinguir o que é científico ou mera divulgação sem fundamentação teórica – em linhas práticas, dosar o conteúdo útil para aprendizagem e o que será mera perfumaria informativa. É uma nova roupagem da escola, posta na era tecnológica e na sociedade digital, não se fazendo pela exclusão ou oposição aos moldes mais antiquados de transmissão de conhecimentos. Sua característica mais significativa é a facilitação das possibilidades e a interatividade; sua capacidade de construir socialmente. Esta irreversível tecnologia está alterando diretamente o modo de ensinar e de aprender.

Há de se concluir sobre a necessidade de refazer o conceito do ensino, de suas metodologias. Basta analisar o impacto que a mídia traz sobre o processo de informação e conhecimento e a forma como a pessoa processa essa bomba de dados que lhe é passada. É aí que se reconhece a importância maior da figura do professor: ser insubstituível, mesmo com o uso da mais moderna tecnologia, sua função é a de organizar o ambiente de aprendizagem, escolher os recursos, realizar a intervenção pedagógica, quando necessária, reorganizar as atividades, ou seja, levar à auto-organização, interagindo, construindo, junto com os alunos, as situações e simulações.

Com o passar dos anos, há um crescimento cada vez maior com a preocupação de informatizar as escolas e reformular a qualificação dos recursos humanos, onde cada peça desse quebra cabeças é fundamental para uma reformulação completa. Um dos pontos mais chave, hoje, para se ter como exemplo é a educação a distância. Tem sido ponto fundamental para a formação profissional docente, acompanhando a formação inicial e continuada e múltiplas possibilidades de atualização. É parte do caminho, e deve ser utilizado como espelho.

Numa sociedade digital e em permanente transformação, o professor deve estar preparado para capacitar seus alunos a desenvolverem competências para resolver situações complexas e inesperadas e necessita, também, encarar a si mesmo e a seus alunos como uma equipe de trabalho com desafios novos e diferenciados a vencer e com responsabilidades individuais e coletivas a cumprir. (Faria, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. 2006, visitado em 27 de Julho de 2015).

É preciso que as tecnologias atinjam seus efeitos desejados e para isso temos de apontar para planejamentos bem feitos. A escolha de softwares e recursos deve ser feita de maneira adequada. Os participantes devem chegar a um consenso para que se atinjam os interesses mais variados, buscando sempre o objetivo maior: o aprendizado.

3. OS ESTUDANTES

***“O mundo mudou, os alunos também.
Teremos de alterar nossas representações
Do mundo e do aluno”.***
(GIMENO SACRISTÁN, 2005)

Após uma análise da realidade dos professores, passamos a esmiuçar alguns detalhes sobre os novos alunos, outra peça essencial da engrenagem que rege os rumos da educação. Qual o perfil do aluno, hoje? Qual o comportamento? Como esse aluno se insere nas tecnologias atuais? Mas, talvez, o ponto mais fulcral para o desenvolvimento do presente artigo monográfico: como o aluno contemporâneo se compromete aos seus deveres nessa condição de estudante?

Há um entendimento de que só alcançaremos a plenitude de entendimento do tema aqui proposto, se conseguirmos abordar cada detalhe envolvido no problema. Vamos a mais um deles, portanto.

3.1. O perfil do aluno atual

O aluno é um agente social, levando para a escola uma gama de experiências empilhadas em sua consciência. Experiências essas de âmbito doméstico, do trabalho, rotineiramente cotidianas. Tais vivências acumuladas tornam o aluno capaz de reelaborar os conceitos recebidos de seu professor. É nessa dualidade entre a experiência do professor e a experiência do aluno que o conhecimento se constrói. Ser aluno hoje é fazer parte da elaboração do conhecimento e isso só ocorre se o mesmo se propõe ao debate, exige a discussão com seu professor, quando o questiona.

A cultura escolar instituída ao longo da passagem do tempo concebeu a formação do aluno de uma forma idealizada, distanciando-o de suas experiências cotidianas.

[...] essa concepção de aluno, diante da velocidade das transformações históricas, não se concretiza mais de acordo com as ideias pré-concebidas pelas teorias pedagógicas. O aluno que está em sala de aula já não

corresponde a nenhuma das representações propostas pela cultura escolar de natureza iluminista, porque, hoje, na posição de *sujeito do conhecimento*, ele é, sobretudo, um sujeito histórico, que traz para a sala de aula um repertório de experiências constitutivas da cotidianidade da sociedade contemporânea. (Favero, 2010, p.8).

Com o avançar da história, dos métodos de ensino e com as novas tecnologias, a escola deixou de ser uma oficina de ouvintes, com o discurso quase catedrático dos professores. Hoje, a escola é um ambiente de construção coletiva, com o aluno sendo parte fundamental desse processo. Eles são produtos diretos da cultura que encara todo e qualquer ato social como uma forma de construir a realidade.

Com isso, não é difícil imaginar como uma pessoa acostumada com aparelhos eletrônicos em mãos e avanços cada vez mais líquidos tenha dificuldade em permanecer concentrado em uma sala de aula antiquada, com exercícios copiados da lousa, onde o indivíduo fica o tempo quase integral copiando, ouvindo o professor. O aluno vem com uma bagagem muito grande de conhecimento, principalmente no que tange a novas tecnologias, numa realidade muito contrária ao que se exige dentro desse âmbito hipotético escolar.

Temos, portanto, um ambiente lotado por jovens com ânsia de convivência. Ordem, disciplina em excesso e silêncio deram espaço para a comunicabilidade, à interatividade, caminhando para um ensino e um aprendizado mais social. Para Lopes (2005):

[...] os jovens apostam na escola como um local de convívio intragrupal, pois ter um grupo na escola é fundamental, e quem não está integrado não é ninguém. O grupo na escola acaba por funcionar como um aporte ativo de rituais, de símbolos, de imagens e de códigos comunicativos, com sentidos e significados para seus praticantes. Dessa forma, no cotidiano juvenil, há intenso processo de comunicação, produção de sentidos e significados, histórias que os estudantes contam a respeito de si próprios e das suas vidas e que não devem ser entendidos como cotidiano de alienação. (Lopes, A página da educação, 2005, visitado em 25 de Julho de 2015).

O que anteriormente lhe era cedido apenas como forma de prazer no convívio com os amigos, agora é posto em prática dentro da sala de aula. O aluno passou a ter o direito de ter voz, de poder se expressar livremente, de emitir sua opinião e propor debates, discussões. Dito isso, não fica difícil de compreender: se estabelece um compromisso com o aprendizado, o anseio por conhecimento torna-se processo natural nessa montada. O aprendizado vem pelo próprio aluno e sua vontade de obtê-lo, portanto, é natural que ele busque esse caminho, se

comprometa a isso. Num ambiente onde se tem amigos – e não meros colegas – tal processo torna-se ainda mais fácil:

O convívio com os amigos é um dos aspectos mais significativos do cotidiano dos jovens, e um dos mais valorizados, mesmo como forma de prazer. É com os amigos que os jovens partilham as suas opiniões, demonstram maior vontade de interação, o que se constitui em um importante papel de integração social. (Favero, 2010, p. 9).

Pais (1993) reforça:

(...) para os jovens, o “grupo” é fundamental, pois ele produz solidariedade e identidade grupal. O convívio com os amigos faz parte significativa do tempo despendido pelos jovens no seu cotidiano. É nesse tempo/espço que o jovem desenvolve a maior parte das suas atividades de tempos livres, como ouvir música ou partilhar certos gostos, nem que seja através do empréstimo de bens culturais, como discos, CD’s, livros, filmes em vídeo etc. Há um reforço da coesão grupal, uma decisão de grupo. (Pais, 1993, visitado em 25 de Julho de 2015).

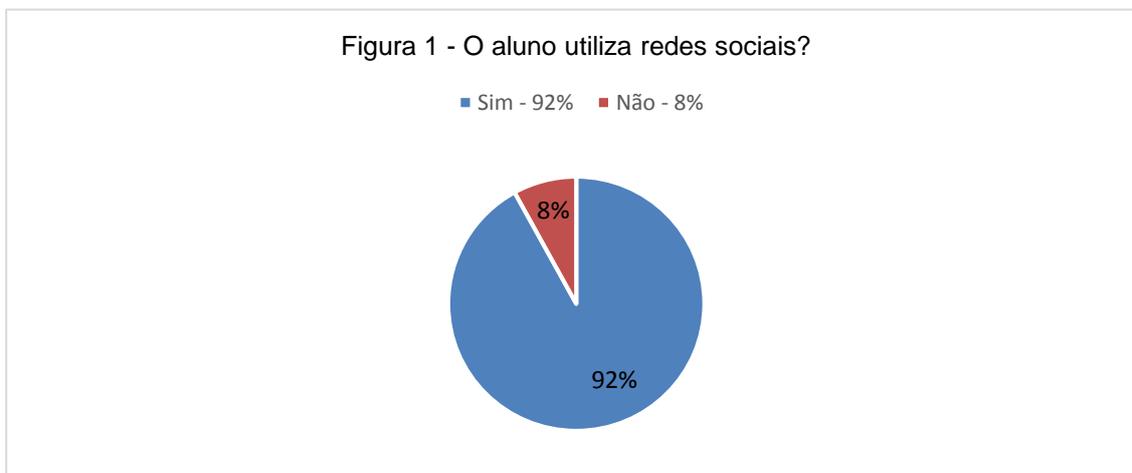
Ainda assim, esse convívio em grupo merece atenção e um tanto de limites disciplinares – reitera-se aqui: nada exagerado, compulsório. Afinal, é por meio de convenções e ritualidades do grupo de amigos se evadem do cotidiano escolar e atinja outros patamares. Daí temos possibilidades distintas e tênues: entre uma relação saudável ao consumo de drogas, entre a passividade e a violência, o *bullying* e inúmeras práticas tidas como culturais, mas que potencializam o pânico social e moral diante dessa nova realidade escolar.

É cada vez mais comum a divisão em grupos – as chamadas “tribos” – dentro do âmbito escolar cotidiano. Por essa razão, percebe-se, entre os estudantes, fortes resistências ao currículo acadêmico, pois seus interesses estão voltados para temas não escolares, tais como namoro, sexualidade, moda, festas, passeios etc.

Isso se reforça com a observação feita sobre as redes sociais e sua utilização por parte dos jovens estudantes. A vitrine do convívio coletivo e das relações sociais e culturais desses jovens está ali. A exposição que determina e encaixa cada um em seu respectivo grupo.

E essa é uma realidade já escancarada atualmente. Tal visão reforça-se com os dados. Em pesquisa própria e realizada para este trabalho, foi perguntado aos alunos de quatro escolas da cidade Nova Andradina (tanto da rede municipal quanto estadual de ensino, do 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio) sobre a utilização de redes sociais. O uso de qualquer rede social

serviu como parâmetro de inclusão para a pesquisa. Chegou-se aos seguintes números, de maneira aproximada:



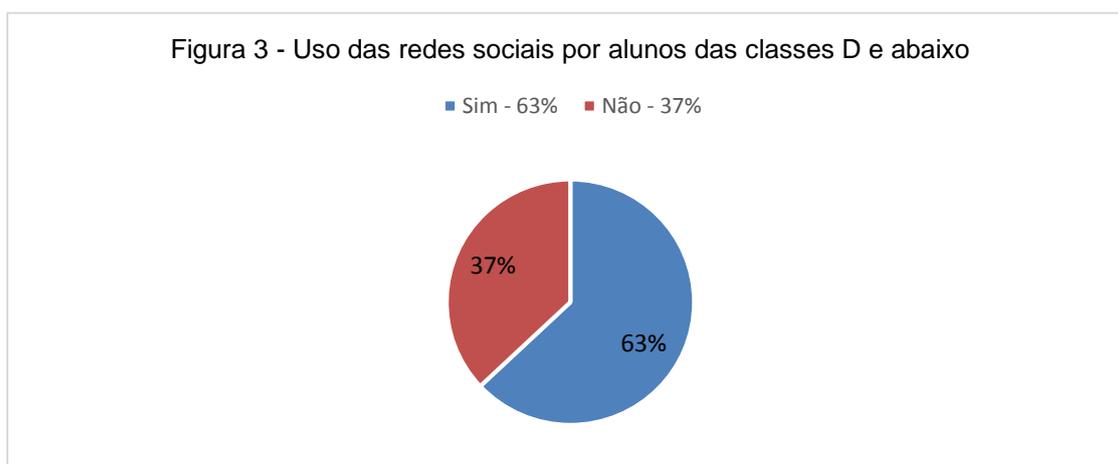
Fonte: Própria (2015)

Se separado apenas por alunos de classe média (a chamada “Classe C”) e acima, o resultado é unânime:



Fonte: Própria (2015)

Se descermos às classes D e abaixo há uma heterogeneidade um tanto maior nos números:



Fonte: Própria 2015

Há uma relevância nessa estratificação dos números. Tal distinção entre as classes sociais dos alunos ouvidos nessa pesquisa denotam um detalhe importante e que intensifica a discussão sobre a importância que o jovem dá para a inserção em grupos e tribos entre eles.

Tais números são prova de importância que a cultura juvenil alimenta aos temas que lhe interessam, veiculando-os pela comunicação em redes sociais. Visto que a cultura social do jovem é cada vez mais elitizada, não surpreende que os jovens das classes mais baixas ainda enfrentem alguma resistência ao tentar se inserir nos meios eletrônicos de se relacionar em grupo.

Se no passado uma das características marcantes da identidade dos jovens era a “seriedade”, a “ordem” e a “disciplina”, atualmente predomina o espírito de ludicidade, que tem contribuído para a massificação do lazer e, sobretudo, para a intensificação de uma nova ética sexual.

Essa questão emergiu com grande força no decorrer do século XX, quando as amarras com as tradições e com as imposições de uma sociedade disciplinar permitiram uma ampla liberação de valores e também de liberdade para o indivíduo assumir suas respectivas identificações. Há um consenso entre os vários cientistas sociais de que os jovens de hoje, ao recusarem os constrangimentos impostos pelos formalismos tradicionais, pautam-se por uma nova ética sexual. (Favero, 2010, p. 9).

Nas escolas, além de “*sujeitos da razão*”, os alunos revelam-se também “*sujeitos desejantes*”, ao assumir uma posição experimental com sentimentos amorosos, a aventura e o sentimento espontâneo e extremamente íntimo sendo elementares para construir suas identidades. Temos, assim, duas marcas bastantes distintas em relação à qualquer outra geração de alunos anterior: o contato íntimo com as redes (o que acaba por produzir uma massificação de informações de acordo com o interesse do jovem) e a sexualidade precoce. E “a

maioria dos jovens não a identifica de forma absoluta com as relações sexuais, mas como uma forma de comunicação entre duas pessoas”. (Pais, 1993).

Kellner (2005), afirma:

As narrativas contemporâneas (o vídeo, a imagem, a linguagem virtual), juntamente com as narrativas tradicionais (a escrita, a impressa e a oralidade), de um lado, intensificaram as trocas culturais; de outro, desestabilizaram o processo lógico, linear, sequencial e estruturado de sistematização dos conhecimentos, reordenando a sua distribuição e socialização em redes. (Kellner, 2005, visitado em 25 de Agosto de 2015).

Sob o impacto dessa sociedade que cada vez mais produz conteúdo por meio da proliferação de imagens, signos e simulacros, os jovens passaram a experimentar uma maior liquidez do seu tempo presente, pois o cotidiano contemporâneo desses indivíduos se desdobra em vários níveis contextuais. Segundo Santos (2000):

- O contexto doméstico, que corresponde ao conjunto de práticas culturais responsáveis pela construção da identidade familiar;
- O contexto do trabalho, que vincula o indivíduo às diferentes relações de produção;
- O contexto da cidadania, constituído pelas relações sociais da esfera pública, dispersas pela cidade e entre os cidadãos e o Estado; e, por fim;
- O contexto da mundialidade, constituído pelas relações sociais que permitem interagir com o sistema mundial.

Com essa maior fluidez do cotidiano juvenil, a juventude tem, dentro e fora da escola, vivido de maneira simultânea uma territorialidade do espaço-tempo, com relações sociais mais comunitárias, e, ainda assim, desmaterializada por processos mediáticos, constituídos principalmente pela internet. “Eles circulam tanto pelas ruas de seu bairro, que é o espaço-tempo típico da modernidade, como pelos bairros audiovisuais e virtuais que são os não lugares, o espaço-tempo pós-moderno”. (Augè, 1998).

Tais espaços múltiplos do interesse juvenil atingem diretamente o coração escolar. Elas continuam tendo como ponto referencial as narrativas científicas apoiadas nos discursos centralizados dos professores, monopolizadores dos discursos em sala, sendo estes apoiados por livros didáticos. O estudante, por sua vez, tem um grande envolvimento com narrativas virtuais, com

acessos e interações por meios de comunidades virtuais e redes sociais distintas – Facebook, Twitter, Whatsapp, VK, etc.

Os efeitos e desdobramentos da sociedade “semiúrgica” já se fazem sentir no cotidiano escolar, sobretudo em relação à questão da leitura, que se tornou um dos pontos críticos da escola contemporânea. A crise da leitura está instaurada na escola, em razão do impacto significativo da comunicação audiovisual no modelo tradicional de decodificação da “lectoescrita”. Ou seja, se o modelo tradicional de leitura e acesso ao conhecimento requer concentração, abstração, conceituação, reflexão e simbologia, a sociedade semiúrgica e a sociedade do espetáculo priorizam a percepção, o sensitivo, a forma e o concreto. (Perezgomes, A cultura escolar na sociedade neoliberal, 2001, visitado 25 de Agosto de 2015).

Assim, temos o perfil básico do aluno hoje: um jovem que interage cotidianamente em redes sociais e grupos segregados de acordo com seus interesses, onde possuem uma comunicabilidade cotidiana que faz com que tenham uma maior liquidez do cotidiano. Distinguem-se por sua interação social com as novas tecnologias e sua identidade sexual, cada vez mais precoce.

Uma vez que traçamos esse perfil médio do aluno contemporâneo, levanta-se uma questão: qual o comprometimento desse aluno com o ensino e o meio escolar? Já vimos que, hoje, o aluno possui uma maior liberdade e que o debate é meio metodológico de ensino. Mas, por outro lado, será que o aluno se compromete e se utiliza desse debate? É o que passamos a tratar a partir de agora.

3.2. O comprometimento do aluno com a escola: o idealismo em face à realidade

Escola e educadores, atualmente, confrontam-se com uma enorme dificuldade de não ter conhecimento metodológico em trabalhar com os estudantes que não se sentem motivados para o aprendizado. Tal motivação é um processo que ocorre no âmago do sujeito, estando, assim, ligado às relações de mutualidade que o mesmo estabelece com o meio social e com outros indivíduos inseridos em seu convívio. O interesse pelo conhecimento é demasiadamente necessário para que o aluno tenha motivos para agir no sentido de apropriar-se desse conhecimento. Da mesma forma, quando os alunos não têm vontade em trabalhar nas salas de aulas, o professor sente-se desmotivado para ensinar,

transmitir o conhecimento. Quando isso acontece, o professor produz seu ensino de forma muito parecida àquele que ele obteve na sua formação, e deixa de criar uma aula diferenciada que desperte o interesse do aluno.

O envolvimento de professores em programas de formação continuada favorece na busca de novas metodologias para o desenvolvimento de suas aulas e oferece mais e melhores condições para ampliar seus conhecimentos teóricos. Ao se inserir ativamente nas discussões com seus relativos o professor sai do seu isolamento e consegue repensar suas ações, buscando alternativas que lhe darão necessário suporte para melhorar o envolvimento dos estudantes em sala de aula.

Várias são as oportunidades que as escolas oferecem para a melhoria do trabalho com os alunos, buscando com isso, um maior envolvimento por parte dos mesmos. Uma delas trata da incorporação de disciplinas alternativas, como Seminário Integrador ou Raciocínio Lógico, no currículo escolar da Educação Básica, no nível médio. Tais disciplinas devem acontecer com a participação de educadores das diferentes áreas do conhecimento e tem como objetivo a formação pela pesquisa e a preparação do aluno para desafio maiores em suas caminhadas pelo conhecimento. Assim, os alunos investigam sobre temas predefinidos e, posteriormente, discutem acerca dos resultados obtidos.

Freire (2008) diz:

[...] ensinar é criar possibilidades para a sua construção. Ao professor cabe à responsabilidade de contextualizar seu trabalho docente deve considerar o aluno como um sujeito real, historicamente situado que a partir da sua história de vida (Freire, 35. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008).

A aprendizagem de conceitos exige interesse e responsabilidade do estudante e, dessa mesma forma, do professor. Quando o aluno não se sente impulsionado para o estudo acaba por afetar a sua participação nas aulas e se limita às notas que necessita para passar de ano. Esse entendimento reflete na baixa qualidade dos trabalhos que realiza e se propõe a participar. Essa pouca participação dos estudantes reflete diretamente no trabalho de seus professores, que se sentem desmotivados para o trabalho docente. Num dos encontros realizados nas escolas da cidade de Nova Andradina, essa questão seguidamente vinha à tona na argumentação dos professores.

Ainda assim, precisamos ressaltar que não há um conceito unívoco a respeito do envolvimento escolar, sendo entendido, e utilizado, por diversos autores sob diferentes designações, entre as quais se destacam as de “participação”, “adesão”, “motivação” e “sentimento de pertença”. Na via contrária, definições como “alienação e desinvestimento afetivo” parecem caracterizar a falta de envolvimento dos alunos nas escolas (Glanville & Wildhagen, 2007, referenciados por Gonzalez, 2010).

O envolvimento escolar parece ser definido e abordado de formas distintas, por diferentes autores, uma vez que alguns se referem ao processo de conhecimento como envolvimento escolar, outros caminham pela via do envolvimento acadêmico, envolvimento na aprendizagem ou, ainda, não envolvimento dos alunos.

Porém, é necessário que se frise que o conceito de “envolvimento escolar” teve origem, em parte, na Teoria do Controle Social que concentra uma grande ênfase aos sentimentos individuais, de ligação e de obtenção, às diferentes instituições sociais. Tais conexões, na Teoria do Controle Social, podem ser caracterizadas por diversos fatores, bem como o compromisso, as crenças, a ligação e o **envolvimento dos indivíduos em instituições e ligações sociais** (grifo nosso). Na Teoria de Controle Social é sugerido que os alunos “que estão bem integrados e ligados às instituições básicas de socialização, tais como a escola, estão menos suscetíveis a desviarem-se das normas convencionais, e mais suscetíveis a obedecerem às regras escolares e evitar punição” (Guadalupe, 2007, p.45).

É o que defendemos aqui.

Archambault (2009, p. 652) coaduna com tal opinião, ao afirmar que os “elementos teóricos, como o compromisso, as crenças, a ligação e o envolvimento dos estudantes influenciaram muitas conceituações do envolvimento dos alunos na escola em recentes teorias do abandono escolar”.

Uma ideia de envolvimento é apresentada por Willms (2003), ao explicar que o envolvimento escolar é visto como “uma disposição do aluno para aprender a trabalhar com os outros e a envolver-se na instituição escolar, o que se expressa nos sentimentos de pertença do aluno e na sua participação, quer em atividades escolares, quer em extracurriculares”.

Newmann (1992) afirma:

O envolvimento é caracterizado por um investimento psicológico na aprendizagem. Os estudantes implicados no processo esforçam-se em apreender o que a escola oferece e sentem orgulho, não só nos resultados positivos obtidos nas diferentes disciplinas, mas também na compreensão dos conteúdos, relacionando-os com as suas experiências de vida. Contrariamente, os estudantes não envolvidos, apesar de poderem evidenciar um bom comportamento na escola e comparecerem nas aulas, tendem a demonstrar baixos índices de entusiasmo, de compromisso ou de orgulho nos trabalhos que efetuam. (Newmann, 1992, p. 1-13).

Há um raciocínio claro e bastante lógico, envolvido aqui: alunos com um bom índice de envolvimento estão mais propensos a obter melhores resultados em todos os campos avaliativos, o que se reflete, naturalmente, em melhores resultados escolares e numa taxa mais baixa de abandono e abstenção. Por outro lado, os estudantes com níveis relapsos de envolvimento apresentam maiores fraquezas para um conjunto de situações dificultadas, como o absentismo, o abandono escolar e os comportamentos pouco exemplares dentro da sala de aula. Dito de uma maneira mais clara, alunos com pouco envolvimento na escola estão mais propensos a resultados de baixa expectativa, a um maior abandono escolar, e, assim, de tomar caminhos que podem chegar à delinquência, com veias criminosas.

Nesse rumo de ideias, um dos aspectos positivos do envolvimento escolar é a iniciativa dos alunos para participarem em atividades escolares diferenciadas e que fujam à rotina das velhas metodologias, como as aulas em laboratórios e salas de informática, a realização de trabalhos e demais dinâmicas que permitem mais interatividade e comunicação entre os alunos e seus professores.

Markwell (2007) define de maneira sucinta o contorno do envolvimento escolar:

[...] o envolvimento escolar é a dimensão em que os estudantes estão ativamente empenhados, dedicados e comprometidos nas suas aprendizagens. Dito de outro modo, o envolvimento escolar é um termo de grande complexidade que pressupõe, por parte dos alunos, um papel ativo e dinâmico, aquando das suas aprendizagens escolares. (Markwell, 2007, visitado em 25 de Agosto de 2015).

Desse modo, temos um discurso quase unânime dentro da doutrina pedagógica que relaciona o envolvimento escolar do aluno diretamente à sua proatividade face às tarefas e ao contexto escolar. É uma regra geral.

Mesmo assim, tem sido cada vez mais complicado a criação de estratégias, em contexto de aula, que facilitem o processo de aprendizagem dos

alunos. É nesse prisma que se inserem as redes sociais como ferramenta de ensino e que permitam um maior envolvimento por parte do aluno.

Há uma sobreposição de contextos: o envolvimento quanto aos métodos de ensino e a motivação do aluno para se inserir nesse cotidiano de aprendizagem. É algo endêmico. E aí, as já mencionadas redes podem ser uma via que abarque todas as dicotomias envolvidas e facilite o processo metodológico.

Todavia, para que possamos inseri-las de vez nessa discussão e apontar seus aspectos que influenciam no ensino e na aprendizagem do estudante básico, precisamos conhecer e traçar um perfil chave dos principais sítios sociais. É o que faremos no capítulo que se segue.

4. AS REDES SOCIAIS

Amadas e odiadas, ferramentas da união e da discórdia. Sucesso entre crianças, jovens e adultos (e, para alguns, o motivo do fracasso de alguns deles), as redes sociais nunca foram uma unanimidade na opinião pública, mas está sempre presente no cotidiano de cada um.

Tida como uma “identidade virtual”, onde quem não está inserido nas mesmas é um “indigente social”, uma pessoa sem vida social, sem amizades. Para muitos, é quase uma necessidade imberbe, um negócio que pode gerar lucros e visibilidade, o que traz mais rendimentos financeiros, num ciclo monetariamente vicioso.

Na educação, as redes não passam batidas. Para o bem e para o mal. Motivo-mor de muitos desvios de atenção e indisciplina em sala de aula, há quem as use justamente para o efeito contrário: envolver ainda mais o estudante com seus compromissos escolares.

Já descrevemos, dentro do presente trabalho, um perfil básico dos educadores, suas novas metodologias e para quem vai ser aplicado, os alunos. É hora de traçar um perfil base do último elemento chave do nosso espectro monográfico: as famigeradas redes sociais.

Motivações, público, desmembramentos e demais aspectos que fazem destes meios de comunicação serem a coqueluche dos tempos contemporâneos. Afinal, seriam elas ferramentas para auxílio ou as grandes vilãs da educação? Para essa resposta, é preciso saber o que move essa indústria. Então vamos a isso. É hora de destrinchar as redes.

4.1. O pluralismo das redes: os tipos e atrativos das redes sociais

Há uma infinidade cada vez mais crescente de redes sociais. Estilos, tipos, finalidades e nichos cada vez mais específicos e de uma pluralidade ímpar. Cada uma com um atrativo que lhe é peculiar, visando atrair cada vez mais usuários. Como não é finalidade desse presente trabalho falar especificamente

delas, vamos limitar e apresentar de uma maneira resumida as principais dessas redes, apenas como ponto norteador para a discussão que aqui se desenrola.

Hoje, de maneira expressiva, a principal rede social em atividade é o Facebook. A rede social criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes é o segundo site mais acessado do mundo, segundo levantamento feito pelo Alexa – serviço que mede as visitas diárias aos sites da rede mundial –, o Facebook é o segundo site mais acessado do mundo, perdendo somente para a ferramenta de buscas mais famosa do mundo, o Google. Para se ter uma ideia de sua força, em 2012 o site alcançou a marca de um bilhão de usuários ativos, com uma média de 316 mil novos cadastros por dia. Segundo os próprios responsáveis pela rede, os atrativos e organização são:

Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos". O nome do serviço decorre o nome coloquial para o livro dado aos alunos no início do ano letivo por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos para ajudar os alunos a conhecerem uns aos outros. O Facebook permite que qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos possa se tornar usuário registrado do site. (Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 6ª ed., 1997).

O site permite também acessos por aplicativo móvel próprio, disponíveis em quase todas as plataformas e sistemas operacionais de smartphones – Android, iOS e Windows Phone, os três principais sistemas operacionais, hoje, possuem aplicativos próprios para o Facebook – além de aplicativos nativos do Facebook Messenger, o serviço de bate papo dos usuários da rede social supracitada.

A empresa, que lucra algo em torno de 5 bilhões de dólares por ano (segundo levantamento divulgado pela própria companhia, em 2011), divulgou recentemente um quadro de estatísticas, que segue abaixo:

Figura 4 – Estatísticas do Facebook

Estatísticas do Facebook	
Usuários ativos	Mais de 1 bilhão de usuários
Média de amigos por usuário	135 pessoas
Média de uso por mês	750 minutos por usuário
Buscas	Mais de 900 milhões por mês
Maiores países	 Estados Unidos
	 Reino Unido
	 Portugal
	 Brasil
	 Índia
	 Turquia
	 França
	 Itália
	 Canadá
	 Filipinas
	 Espanha
	 México
Acessos ao Facebook Móvel	180 milhões
Compartilhamentos	80 milhões

Fonte: Google (2015)

Apesar de ser uma rede social ampla e completa, o Facebook, visando ampliar seus lucros e seus horizontes, efetuou compras recentes de outras redes sociais, tornando-as serviços subsidiários e independentes, mesmo que pertencentes aos quadros de Mark Zuckerberg. São os casos do Instagram e do Whatsapp.

Sobre o Instagram, Dan Frommer define:

Instagram é uma rede social online de compartilhamento de foto e vídeo que permite aos seus usuários tirar fotos e vídeos, aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. (FROMMER, Dan; (1 de novembro de 2010. Here's How To Use Instagram (em inglês) *Business Insider*. Visitado em 20 de maio de 2015).

Dentre as características do “Insta” (o nome carinhoso dado pelos usuários), estão às limitações das fotos em proporção de tela quadrada, algo que as tornam semelhantes a fotos tiradas de câmeras Polaroid, em detrimento do novo formato 16:9 utilizados pelos novos dispositivos e câmeras digitais. Os usuários também podem gravar e compartilhar vídeos de até 15 segundos.

Lançado em 2010, logo se popularizou e tinha mais de cem milhões de cadastros com um ano e meio de atividade, altura onde o Facebook adquiriu o serviço, por um preço na casa dos 1 bilhão de dólares.

Já o Whatsapp é o mensageiro instantâneo e que recentemente incorporou também chamadas de voz entre seus usuários. Fundado em 2009, permite que os usuários expandam seus métodos de trocar mensagens, que vão muito além das populares mensagens de texto. É possível que seus usuários troquem imagens, arquivos de áudio, mensagens de voz, compartilhem suas localizações e contatos e, como já mencionado, até efetuem chamadas entre si.

Fundado em 2009, o aplicativo já possui mais de 250 milhões de usuários, além de uma troca de 25 bilhões de mensagens por dia. Após quase cinco anos de mercado, o Whatsapp foi vendido ao Facebook, tornando-se subsidiária da mega rede social, por uma bagatela de 16 bilhões de dólares, tornando-se num dos maiores negócios da história da internet.

Além desse trio de ferro pertencente à Facebook Inc., podemos citar aqui também outras redes muito utilizadas pelos jovens: o Twitter e o Snapchat.

A primeira delas – o Twitter – é conhecida por ser um microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do seu próprio site, além de SMS, aplicativos próprios para as múltiplas plataformas disponíveis, dentre as demais formas de acesso.

A rede social foi criada em 2006, por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. Lançada no mesmo ano havia a ideia de que o Twitter fosse uma espécie de "SMS da internet", dada a limitação de caracteres nas mensagens compartilhadas no Twitter.

O Twitter não divulga o número oficial de contas, sendo, portanto, feitas inúmeras estimativas acerca do quão é acessada a rede. Na última feita, eram cerca de 284 milhões de contas. Porém, quase 10% dessas contas nunca teve qualquer interação dentro da plataforma. Mais ainda: em um estudo divulgado pela Universidade de Harvard, apenas 10% dos usuários produzem cerca de 90% do conteúdo do site.

Por fim, temos o Snapchat. Criado e desenvolvido por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford, em 2011, com o aplicativo, os usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos

e desenhos à imagem e escolher o tempo que a imagem ficará no visor dos amigos que estão compartilhando o espaço na rede.

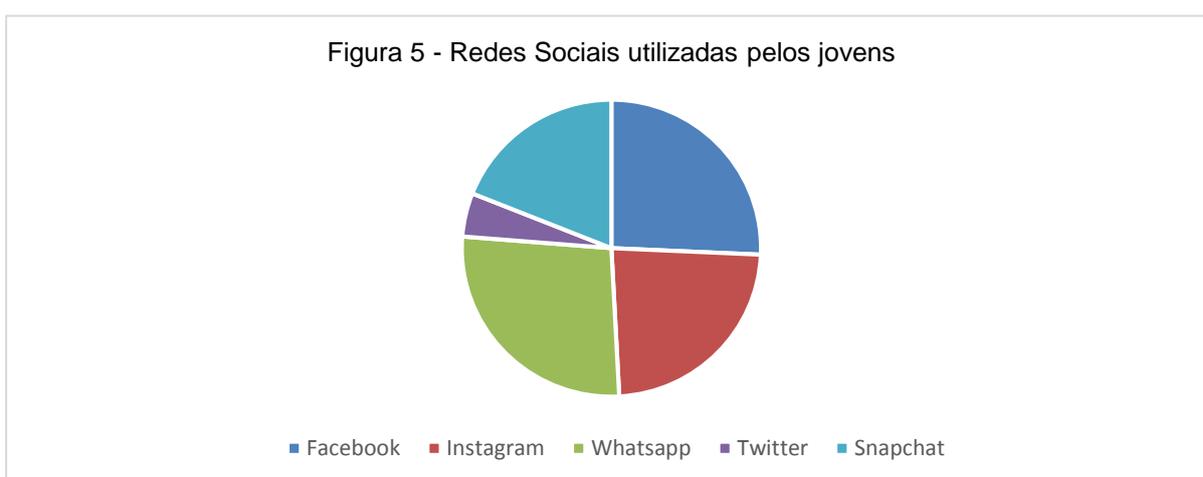
O tempo de cada *snap* – como é chamada cada postagem – é de 1 a 10 segundos, e após aberto, a imagem ou vídeo somente poderá ser vista pelo tempo escolhido pelo remetente. A imagem é excluída do dispositivo e também dos servidores, após sua exibição ser desvinculada do aplicativo.

Além das redes sociais aqui mencionadas, há várias outras. Redes sociais para profissionais (como o LinkedIn, onde o perfil funciona como um currículo do usuário), de relacionamentos (como o Tinder, ou o OkCupid, dentre outros), tem até rede social para compartilhar as redes de WiFi entre os usuários (a Mandic Magic).

Porém, são redes sociais que trataremos como secundárias, uma vez que são pouco ou nada utilizadas pelos jovens estudantes, alvo maior do presente trabalho.

Dentre as principais destacadas anteriormente, a utilização dos alunos é bastante ampla. Em pesquisa própria para este trabalho monográfico, os jovens declararam um amplo uso concomitante dessas redes.

Como já destacamos estatisticamente o número de jovens que utilizam alguma rede social anteriormente, vamos esmiuçar isso. Obtivemos o seguinte quadro:



Fonte: Própria (2015)

Uma vez esclarecido esse fundamental pormenor para o desenvolvimento de nossa argumentação, vejamos como essas redes influenciam diretamente na vida dos jovens que foram objeto do presente estudo.

4.2. A influência das redes sociais sobre as pessoas

Já é unânime o crescimento das redes sociais na era digital; elas são meios de comunicação utilizados pelas pessoas para manterem contato entre elas, além de serem utilizadas para entretenimento pessoal e até como meio de informação.

Destaquemos, aqui, a grande evolução que houve desde as primeiras redes criadas para as que são muito utilizadas recentemente, como por exemplo, o caso do Facebook, já supracitado no presente caso. Nas primeiras redes sociais havia apenas a troca de mensagem diretas entre os usuários. Já no presente, existe a exposição direta de perfis com as mais variadas informações pessoais, fotos, além de formas de comunicação bem mais abrangentes, amplas. Há uma globalização da informação pessoal. Mas existem algumas dúvidas relacionadas a este assunto. Até quando elas vão continuar crescendo em ritmo tão rápido? Qual a influência delas na vida pessoal?

A internet já possui uma força indubitável. Já passou, há tempos, ao status de principal tecnologia. É a mais influente, disparada. Este crescimento meteórico se dá muito às empresas fornecedoras de banda larga. As pessoas estão cada vez mais ligadas a ela [a rede mundial], pois muitas delas trabalham, atualizam-se (por meio da leitura de *feeds* de notícias) e interagem através dela. As empresas distribuidoras do serviço e o avanço tecnológico existentes fazem com que seja fortalecida cada vez mais essa relação de pessoa e internet.

Segundo Afonso (2009):

Nas últimas décadas surgiram novas formas de comunicação social, lazer e entretenimento onde a participação de pessoas do mundo inteiro dá origem a uma nova geração, a geração C. C de conhecimento, colaboração e conectividade. Através de um computador ligado à rede, as tecnologias da informação deixam ao alcance de todos um mundo ilimitado, recheado de ambientes (reais ou virtuais) extremamente rico em informações (Afonso, 2009, p. 19).

As páginas de redes sociais, diariamente, são sites acessados de maneira quase compulsória, dada a necessidade com que seus usuários sentem de dar “uma breve espiada”; essas páginas vêm crescendo rapidamente, e a cada dia mais pessoas estão se cadastrando e usando-as.

Esse interesse pelas redes sociais tem chamado a atenção de estudiosos das mídias e das relações sociais de publicitários e de muitos profissionais intimamente ligados ao tema, que têm observado como elas influenciam diretamente nas formas de comunicar-se das pessoas, o relacionamento entre seus usuários e a própria identidade pessoal.

As redes sociais já são um fato consumado na comunicação atingindo pessoas de diferentes faixas etárias, graus de instrução classes sociais e identidades culturais. Portanto, é importante entender esse fenômeno cada vez mais comum na vida das pessoas, não só para mostrar como elas apareceram, mas também identificar as principais características que estão presentes nas mesmas, além de revelar o que as torna tão atrativas e qual o seu lugar na vida dos seres humanos na sociedade contemporânea. Como as redes sociais estão cada vez mais divulgadas, é relevante observar o modo como as pessoas se relacionam com elas e dentro delas. Isso deixará bastante esclarecido como esse tipo de relacionamento afetou a rotina e a configuração das identidades pessoais nos últimos anos.

Essas redes, de fato, possuem um poder deveras transformador no modo com que a nossa sociedade se comporta, influenciando rapidamente a formação de opinião pública por meio do compartilhamento extremamente veloz de informações, notícias e imagens, o que está acarretando em uma verdadeira revolução. Entretanto, também existem aspectos negativos, como podemos enumerá-los – e o faremos, posteriormente.

As redes sociais também ocasionam uma série de problemas como o *bullying*, os famigerados atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um indivíduo (do inglês *bully*, valentão do colégio, tirano do pedaço) ou por um grupo de indivíduos, que vão causar dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder; ou também, as várias formas de “*cibercrime*”, uma prática de crime feita na internet, que pode ser desde a falsificação ideológica, de dados, ou então a apropriação ilegal de dados alheios, seja por invasão mal intencionada ou roubo de dados, além de muitas outras formas da prática do crime cibernético. Este crime também pode ser promovido de diversas maneiras: disseminação de vírus que coletam e-mails para venda de mailing – os populares *spams*; distribuição de material pornográfico (e aqui destaca-se a pedofilia); fraudes bancárias; violação de propriedade intelectual, ou mera invasão

de sites para deixar mensagens injuriosas e/ou difamatórias como forma de insulto a outras pessoas.

A internet e suas redes sociais estão formando um complexo esquema de transformações muito líquidas, cada vez mais veloz nas mudanças contemporâneas. Tais transformações podem trazer benefícios, em menor escala, a indivíduos e/ou grupos pequenos de relações interpessoais e, numa maior escala, transformar situações de âmbito nacional e até internacional, como já se verificou na onda de manifestações em 2013, aqui no Brasil, ou a Primavera Árabe, em 2011.

Faz-se mister a conscientização dos usuários das redes sociais, sobretudo das o Facebook, que expõe de maneira tão irresponsável seus usuários, para que a ferramenta que hoje se possui e que possibilita a integração de pessoas, compartilhamento de informações, disseminação de novas ideias, não se transforme em instrumento de repressão e arbitrariedades.

Mas nem tudo são desastres. É preciso reconhecer alguns benefícios que o uso consciente das redes sociais pode trazer as pessoas, sobretudo, aos jovens. Pontuamos alguns:

- Os jovens tornam-se mais comunicativos: Temos aqui o ponto alto da influência cibernética. Bem, é uma comunicação pouco produtiva, mas “estar conectado” tem seus benefícios. Canalizar isso para bons efeitos é necessário.
- O menor enfoque na televisão: Eis aqui um ponto bastante interessante. Tendo todo o acesso a informação possível dentro da internet e das redes, qual a necessidade de buscar a tv? A influência negativa da tendenciosa forma de transmitir informações pelos canais televisivos perdeu o seu monopólio.
- A possibilidade de estudar mais: Um ponto crítico, duvidoso e um tanto discutível. O fato é que as redes sociais podem auxiliar de maneira clínica o jovem em suas práticas estudantis. Um ambiente rico e de conteúdo quase infinito. Basta que tirem proveito dessa ferramenta e o benefício será enorme. Aos educadores, um enfoque maior nesse aspecto, algo já bastante martelado no presente trabalho.
- Há uma maior atividade: é comprovado que o Brasil possui uma das maiores atividades na internet em todo mundo. Trabalhos, canais de informação ou mera zapeada por entre as páginas. O jovem é cada vez

mais ativo, absorvendo uma maior quantidade de informação. Se canalizar isso para boas realizações, há um enorme benefício a ser tirado daí.

- A exposição e sua faca de dois gumes: nunca foi muito seguro deixar sua vida escancarada para que o mundo tivesse acesso a isso. É um fator demasiadamente grande. Mas há meios de fazer disso algo bom. Um projeto bem executado, uma ideia mirabolantemente boa, algo que seja novo e que pode ser bom para a sociedade, etc. Se alguma dessas hipóteses torna-se real, o seu idealizador terá exposição e reconhecimento, mesmo que gradual – embora a capacidade de viralizar conteúdo que as redes sociais possuem já foram pra lá de testadas e todos sabemos que não tem nada de gradual nisso; é algo instantâneo, ligeiro demais.

É óbvio e fácil de concluir que é necessária uma ponderação de ambos os lados dessa balança. Dizer isso é o mesmo que chover no molhado. Temos de encontrar formas de como fazer isso.

Sim, temos riscos. Os fatores negativos de como a influência exercida sobre as redes sociais para os jovens é algo pra lá de surrado diariamente. Cabe a cada um de nós – e principalmente enquanto educadores, buscar uma maior humanização e aperfeiçoamento desses aspectos negativos, corrigindo-os e sensibilizando seus pontos.

Mas, acima de tudo, temos de dar forças aos aspectos positivos. Como não se sensibilizar a cada campanha humanitária que os jovens criam nas redes a cada tragédia com as chuvas nas regiões serranas do Rio de Janeiro ou nas regiões atingidas no Sul do país todos os anos? No ano passado, a sociedade mostrou-se madura, solidária e participativa, conseguindo junto às autoridades grandes conquistas para as comunidades sofridas, conseguindo agilizar os processos de doações de remédios a coletas de sangue, divulgando a situação de várias áreas através de fotos e dicas de acesso, dados de meteorologia e mapas.

O trabalho altruísta com a participação de inúmeras pessoas, sem exposição midiática, estrelismos para câmeras; uma participação conjunta, solidária, una, como uma equipe que trabalha em prol social. Afinal, é assim que as redes se descrevem: sociais.

As redes mostraram um lado bastante positivo de sua importância, deixando de lado tempo e espaço, influenciando no destino de dezenas de pessoas, através da rápida disponibilização de informações relevantes para solucionar de maneira benéfica tais intempéries, de forma que muitos puderam usufruir deste ambiente e agir junto aos necessitados.

É preciso olhar mais para o positivo. E corrigir o negativo sem sensacionalizar para uma câmera.

5. AS REDES, OS JOVENS E A EDUCAÇÃO.

Uma vez que já tipificamos cada um dos pontos essenciais para o desenvolvimento do presente trabalho, encerramos uma fase e chegamos ao ponto crucial, de fundir todos os conceitos individualizados acima num único contexto. É hora de misturar os ingredientes e buscar a receita perfeita para a sopa monográfica que tanto ansiamos escopo deste desenrolar de linhas.

Como podemos fundir todos os elementos acima descritos de maneira individual numa fórmula composta e que possa melhorar o sistema educacional e influenciar em um aspecto positivo na vida do jovem estudante? É o que passamos a discutir nas linhas a seguir.

Vamos buscar abordar todo o vórtice que traçamos até aqui: como os professores podem inserir as redes no ensino, como os alunos se inserem nessa nova metodologia e como isso deve ser controlado no limiar entre método e obstáculo de ensino. Ao trabalho, portanto.

5.1. A utilização das redes sociais no ensino.

Muito se fala hoje sobre os impactos da internet, principalmente das redes sociais, principalmente no mundo dos negócios, porém seu uso e influência na educação são pouco explorados pelos autores.

As crescentes tecnologias voltadas para esse ambiente virtual estão remodelando a maneira de fazer educação, criando novas metodologias de ensino e aprendizagem através de ferramentas e redes sociais que não foram desenvolvidas com tal propósito.

Novas ferramentas, como Google Docs, Skype, e demais redes ganharam enfoque, pois possibilitaram aos internautas interagirem e colaborarem entre si expressando seus pensamentos e opiniões de maneira conexa com o mundo, interagindo.

Segundo O'Really (2005):

A Web 2.0 marcou a evolução de como nós utilizamos a internet. Ao invés de serem apenas consumidores passivos de informação, os indivíduos hoje

contribuem e compartilham conteúdos online com outros indivíduos de maneira rápida e fácil. (O'Really, 2005, visitado em 31 de Agosto de 2015).

Richardson (2006) explicita que “com a web 2.0, as publicações de professores e alunos deixam de estar limitados somente à turma limitada em um espaço territorial e passam a ser disponíveis para toda a rede em qualquer lugar do mundo”.

Plataformas e redes sociais, como o Facebook, por exemplo, ensejam inúmeras oportunidades para novas metodologias educacionais, facilitando a interação, a criação de grupos visando o aprendizado e promovendo a alfabetização no século XXI.

Segundo Kolowick (2011):

O uso do e-mail está diminuindo a cada dia pelo fato dos alunos utilizarem mensagens de texto via celular e as redes sociais para se comunicarem. Para os alunos, é mais interessante e divertido se comunicar através das redes sociais do que as formas tradicionais de comunicação. (Kolowick, 2011, visitado em 14 de Setembro de 2015)

As redes sociais facilitam a construção de um ambiente coletivo voltado para a aprendizagem. O processo de aprender é oportunizado a partir de diálogos encontrados em comunidades; ao criar discussões durante esse caminho de conhecimento, os alunos complementam ideias e argumentos previamente constituídos – fugindo da regra de apenas ouvir e guardar.

O alicerce para um ambiente de aprendizagem eficaz se constrói através da interação, da comunicação e da discussão, além, principalmente, do diálogo entre aluno e professor. Sturgeon e Walker (2009) afirmam em sua pesquisa: “alunos têm mais vontade de se comunicar com seus professores quando eles já os conhecem no Facebook”.

De uma forma geral, podemos destacar como benefícios das redes sociais para a educação: a) promover a integração um certo grau de amizade entre alunos e professores; b) possibilitar o compartilhamento e ampliação de conhecimento fora da sala de aula; c) serem plataformas alternativas de comunicação tanto professor-aluno, quanto Instituição-alunos;

A inclusão das redes sociais nas escolas enquanto uma ferramenta metodológica no processo de ensino-aprendizagem já é um fato cada vez mais comum na realidade educacional; os alunos trazem para dentro da escola elementos de sua realidade social, pessoal, através dos seus *gadgets* mais comuns,

usando os computadores da escola e outros recursos eletrônicos que lhes possibilitam manter essa conexão com os outros e com o mundo exterior aos portões da escola.

Mesmo que de forma indesejada, as redes sociais se entrelaçam ao dia a dia da escola, interferem de maneira direta nas aulas e atividades, tornando-se um elemento que pode e deve ser explorado pelos professores e demais profissionais no desenvolvimento de metodologias e atividades da instituição. Aulas, pesquisas, debates, seminários, trabalhos em grupos constituídos por alunos de diferentes instituições educacionais, contato com pessoas relacionadas a algum ponto de debate em discussão. Essas são apenas algumas das várias coisas que podem ser oportunizadas através do uso das redes sociais na escola, porque, como descreve Bohn (2009):

Assim como as ferramentas da Web 2.0, as redes sociais oferecem um imenso potencial pedagógico. Elas possibilitam o estudo em grupo, troca de conhecimento e aprendizagem colaborativa. Uma das ferramentas de comunicação existentes em quase todas as redes sociais são os fóruns de discussão. Os membros podem abrir um novo tópico e interagir com outros membros compartilhando ideias [...] Enfim, com tanta tecnologia e ferramentas gratuitas disponibilizadas na Web, cabe ao professor o papel de saber utilizá-las para atrair o interesse dos jovens no uso dessas redes sociais favorecendo a sua própria aprendizagem de forma coletiva e interativa (Bohn, 2009, p.01).

Também em defesa das redes como uma ferramenta de ajuda na busca pela transmissão ideal de conhecimento, Gallo apresenta as contribuições e aspectos positivos do uso de uma rede virtual de relacionamentos - o Orkut (já extinta, mas que fora fundamental para cimentarem os alicerces dessa discussão) - como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem:

Esta grande abrangência nos variados temas, a troca de informações, a facilidade no manuseio e alta interligação entre os usuários fazem do Orkut uma ferramenta popular e de sucesso entre jovens e adultos. O aspecto lúdico através da diversão, descontração e espontaneidade faz com que o Orkut não seja visto também como um ambiente de aprendizagem e sim como um ambiente de relacionamento pelos usuários, porém muitos passam a construir conhecimento por meio de recados (scrap) e ou pela discussão gerada pelas comunidades virtuais. Nesse sentido, pode funcionar como aliado/parceiro, pois possibilita o encontro de pessoas com interesses semelhantes e múltiplos pontos de vista, favorecendo a comunicação e ampliando a cooperação e o reconhecimento do outro. (Gallo, 2006, p. 49)

Podemos perceber que os variados elementos que formam a maioria das redes virtuais (perfis, páginas de mensagens, comunidades e grupos,

jogos com plataforma multijogadores, compartilhamento de fotos, vídeos, músicas, etc.) permitem com que seus usuários criem uma rede de interação entre si, com interesses próprios e definidos, compartilhem opiniões e as discutam, demonstrem seus gostos, suas vontades; a forma como são tratados diversos temas – alguns de devida polêmica e relevância surpreendente para serem discutidos por jovens –, a apresentação visual, os *hiperlinks* que podem levar a outras páginas e ensejar novas discussões e pontos de vista, além de outra infinidade de elementos, fazem com que as redes sociais em sua maioria apresentem uma dinâmica bem engrenada de funcionamento, o que leva os usuários a terem vontade em acompanhar o que há de novidade, participar, tomar parte, ou seja, torna-se importante ser um membro inserido no grupo, contribuir com conteúdo e informações e assim interagir, fazer-se presente neste meio.

Assim, ao introduzirmos o uso das redes sociais na escola, podemos proporcionar uma inovação no cotidiano das atividades entre alunos e escola em relação aos seguintes aspectos: atratividade, interatividade, inovação, diversidade, etc. Esses aspectos, sem dúvida alguma, virão a servir como elemento motivador dos alunos em relação a sua aprendizagem, mudando completamente a dinâmica de estudo tedioso a que estavam acostumados – algo deveras antiquado, se nos permite dizer.

Tomemos como exemplo o supracitado Facebook. A rede de Mark Zuckerberg abre um leque infinito de possibilidades de utilização. Algo que pode ser refletido de maneira direta na educação. Um verdadeiro canivete suíço da internet que pode ter seus instrumentos influentes diretamente utilizados nas novas metodologias de ensino.

Apesar de muitos professores sentirem receio de ocorrer um desprendimento da atenção dos alunos ao cogitar utilizar o computador em sala de aula e outros ambientes de aprendizagem, os educadores mais contemporâneos até gostariam, mas ainda não possuem total domínio deste recurso. Já a utilização do Facebook na aprendizagem é um caso recente e ainda é motivo de discussões entre os prós e os contras.

Já disse Silva (2011, p. 10):

A internet está presente de maneira decisiva em nosso cotidiano, seu ingresso em nossas vidas tem mobilizado um conjunto de transformações

tanto no comportamento dos indivíduos quanto da sociedade.(Silva, 2011, p. 10)

Desta maneira, de nada é proveitoso que as famílias ou as escolas tentem privar os seus alunos da atual realidade social e tecnológica, pois de uma maneira ou de outra eles terão acesso aos inúmeros conteúdos disponibilizados na grande rede, inclusive as sociais, muito aqui mencionadas. Por isso evitar que os alunos acessem o Facebook ou qualquer outra rede social e não se aproveitar dessa ferramenta como aliada na educação é desperdiçar esforço do próprio aluno, uma vez que em casa ou em qualquer outra oportunidade de conectar-se, este será um dos seus principais objetivos de navegação na internet.

Gengnagel (2012) nos elucida de maneira bastante exemplar e didática, ao instigar o uso dessas ferramentas aqui já tanto citadas, mas no ensino superior. Ele relata, nos forçando a refletir:

É visto que a utilização do Facebook é um grande desafio para os objetivos pedagógicos (...), visto que a ferramenta trabalha com muitas informações, na maioria das vezes até desnecessárias, que dificilmente tratam de temas pontuais de um conteúdo abordado em sala de aula. Porém, aliando a criatividade e a imaginação juntamente com os recursos informáticos disponíveis, o docente pode criar situações e estratégias de aprendizagem que levem os alunos a se apropriarem de conceitos científicos de forma atraente e cooperativa. (Gengnagel, 2012, visitado em 1 de Setembro de 2015).

Neste prisma de realidade, é bastante lúcido afirmar que nem todas as funcionalidades trazidas e oportunizadas pelo Facebook sejam úteis em uma sala de aula, todavia, a capacidade que ele tem de prender a atenção daqueles que acessam e navegam por ali pode ser utilizada como uma fortíssima aliada do professor e para que esse consiga desenvolver atividades que envolvam o aluno com seus compromissos de aprender, mesmo fora das paredes de uma sala de aula, durante o tempo que ele estiver conectado.

Dentre as possíveis utilidades trazidas pelo Facebook, dentro da realidade da sala de aula, podemos destacar o uso de páginas e grupos para compartilhamento de materiais, as enquetes, os álbuns e compartilhamento de imagens e ainda a criação de grupos específicos onde o próprio professor pode intermediar as discussões e debates, trazendo para dentro deste espaço arquivos e textos, com uma rica oportunidade de leitura, como artigos da disciplina, propostas de trabalho e apresentação do trabalho em sala de aula, em formato de seminários interativos. Aproveitando assim, esta ferramenta que atrai os alunos por conta da

facilidade de acesso as informações e comunicação em tempo real com os demais colegas, fazendo do trabalho escolar uma tarefa interessante.

Bandeira (2010) é bastante claro, ao afirmar que “numa era onde as relações técnicas começam a ganhar mais terreno que as relações humanas, a educação precisa fincar suas estacas e mostrar que acompanha a alucinante revolução da informação”.

Tajra (2008, p.21) corrobora a mesma ideia quando coloca que “É preciso visualizar esta situação social que estamos vivendo. A educação necessita estar atenta às suas propostas e não se marginalizar, tornando-se obsoleta e sem flexibilidade”.

Flach (2009, p.103) nos incita a refletir sobre isto quando afirma que:

Neste momento, em termos de conhecimentos sobre tecnologias, aptidões e capacidades de aprendizagem para o uso de equipamentos tecnológicos, aparentemente a estrutura cerebral desta nova geração permite que, ao mesmo tempo, assistam televisão, com quatro ou cinco sítios de internet abertos no computador, falando ao telefone com algum amigo ou amiga para combinar um encontro, folheando uma revista e ainda dando uma olhada nas tarefas escolares! Quanto a isso, nós, professoras e professores, pais e mães, estamos, vamos dizer, em outro contexto!...Como é que vai se portar e se sentir em sala de aula (...) uma “figura” dessas? (Flach, 2009, p.103).

Vamos ser ainda mais incisivos nessa reflexão: será que são os alunos os inquietos e desinteressados, ou os educadores que não conseguem “dar conta do recado”? Será que a escola ainda pode estar embasada nos mesmos moldes do ensino tradicional ou é preciso mesmo inovar, acompanhar as vias do progresso tecnológico?

Acreditamos que é preciso trazer o conteúdo, o assunto a ser trabalhado para o contexto contemporâneo dos alunos, para a sua realidade social, tecnológica. Afinal, somente quando houver uma capacidade desses alunos em associar o que se está tentando ensinar com o cotidiano em que estão inseridos é que ocorrerá uma aprendizagem efetiva. É um molde já bastante pautado pelos pedagogos e especialistas, onde a aprendizagem imita a vida e a recíproca também é verdadeira.

Faz-se necessário salientar que isso só é possível a partir do momento em que “pensamos fora da caixa” e buscamos a inovação, irmos para além dos limites físicos da sala de aula.

Outro ponto fundamental do processo de ensino e aprendizagem é considerar os conhecimentos que os discentes já trazem em sua bagagem, as histórias de vida que carregam, e em qual contexto social eles estão inseridos, e a partir daí, por meio de um planejamento participativo e que busque a interação com o aluno, estreitando suas relações, elaborar as suas aulas. Assim, a aprendizagem segue uma via de mão dupla em que ao mesmo tempo que o professor ensina, ele também aprende, desmistificando a ideia de que o professor é quem detém o conhecimento absoluto.

É exatamente nesse ponto chave e contextual que o uso das redes sociais se aproxima dessa ideia de reciprocidade da aprendizagem e transmissão de conhecimento, pois é por meio destes mecanismos que se faz possível, na maioria das vezes, conhecer um pouco da história já vivida pelos estudantes e ainda estreitar seus laços por meio do mundo cibernético, abrindo portas para que o processo de ensino e aprendizagem seja ainda mais eficaz no espaço escolar. É o que afirmam Koehler e Carvalho (2013):

As redes sociais servem para dois fins. Primeiro, organizar o espaço de comunicação e interação no mundo globalizado e interconectado, no qual se produzem formas diferentes de ações coletivas, de expressão de identidades, de conhecimentos e de informações. Segundo, mostrar mudanças no modo de comunicação e interação entre as pessoas, na forma de como as pessoas se socializam, se conhecem, como aprendem, escrevem e como forma de fonte do conhecimento globalizado. (Koehler e Carvalho, 2013, visitado em 1 de Setembro de 2015).

Assim, as redes sociais contribuem para as relações e interações entre as pessoas e oportuniza a socialização e construção do conhecimento de maneira espontânea e recíproca, já que as informações que vão ao conhecimento público são compartilhadas e visualizadas por todos do círculo de amizades que o usuário possui, ocasionando o que pode ser chamado de conhecimento globalizado.

Ao exemplificarmos com o Facebook, nessas últimas linhas, a possibilidade de apoiar e auxiliar o ensino e o aprendizado devemos levar em consideração que, embora as tecnologias e uso de mídias em sala de aula sejam temas bastante debatidos, não é possível que sejamos utópicos e consideremos que todas as escolas venham a possuir os recursos disponíveis para utilização desta ferramenta, e ainda temos que considerar que vários educadores não se sentem confortáveis em utilizá-la no contexto escolar, inclusive veem como caminho mais

fácil o método tradicionalista e já bastante ultrapassado de que o professor é a chave mestra do conhecimento, obtendo-o em sua plenitude.

Um bom planejamento deve priorizar a realidade social e tecnológica em que os alunos estão inseridos, e, sendo assim, os professores devem apostar nas vantagens e potencialidades possibilitadas pelo Facebook – e aqui já nos é permitido dizer, TODAS as demais redes sociais – vindo a tornarem-se aliadas, orientando os alunos para o uso consciente e como benefício da comunicação e do compartilhamento de aprendizagens entre pais, professores e alunos.

Porém, devemos reconhecer, sim, que as redes sociais podem ser uma faca de dois gumes nesse processo, oferecendo-se como um obstáculo na atenção do aluno. É por isso que devemos estabelecer alguns limites nessa interação entre alunos, professores e educação nas redes sociais. É o que passaremos a discutir.

5.2. O limiar entre a ferramenta alternativa de ensino e o meio de distração e afastamento dos estudos

A utilização das redes sociais, inserindo-as na educação é um assunto que traz inúmeras (e enormes) discussões e opiniões adversas. De um modo geral, há algumas barreiras enumeradas que impossibilitam a adoção das redes sociais, como o Facebook, em sala de aula, as quais podemos destacar:

- a) Privacidade: As redes sociais, de um modo bastante abrangente, contêm diversas informações pessoais de seus participantes, tornando a página um livro aberto de informações que devem ser configuradas para que não se tornem expostas demais, tornando-se uma mão cheia para pessoas mal-intencionadas praticarem crimes ou ataques cibernéticos. Sendo assim, muitas pessoas possuem receio de terem um acesso a uma rede social e acabam não participando, perdendo grandes oportunidades de interagir virtualmente com outros colegas; mais um fator intrínseco à privacidade em redes sociais é o fato de alunos não adicionarem seus

professores e demais figuras aos quais são subordinados no ambiente escolar pelo fato de publicarem fotos inadequadas em seus perfis caracterizando o uso abusivo de álcool ou má comportamento, condutas que poderiam comprometê-los como suspensões ou até mesmo perda do emprego. As redes, em sua grande maioria, possuem diversas opções de configurações de privacidade, que visam proteger seus dados e informações, cabendo a cada usuário das redes se informar e saber utilizar de forma correta cada rede social.

- b) Questões administrativas: outra dificuldade encontrada em diversas Instituições Escolares que impossibilitam a aplicação de redes sociais como ferramenta de ensino-aprendizagem é o fato de muitas instituições de ensino superior restringirem o uso do Facebook e outras redes sociais do gênero dentro das redes de computadores da Instituição, por questões que vão desde a possibilidade de contaminação viral e de outros *malwares*, além do uso abusivo e excessivo por parte dos alunos, quebrando um pouco a atenção com a aula programada pelo professor. Por outra via, diversas Instituições de Ensino possuem políticas e diretrizes para a utilização das redes sociais tanto academicamente como até mesmo no ambiente administrativo, limitando, mas não desinibindo o seu uso, onde seu uso excessivo poderá comprometer o desempenho do funcionário, do aluno e do professor. As redes sociais fazem parte de nosso cotidiano, sendo, então, cada vez mais presentes em contextos como a educação e outros setores, como vias pessoais e profissionais. Com aplicações de políticas formais e diretrizes de utilização, impondo limites e os alicerces para seu uso consciente, podem sim ser ferramentas que complementem as práticas educacionais dentro e fora da sala de aula.
- c) A inclusão digital: mais um empecilho encontrado que impossibilita a implementação das redes sociais no contexto educacional é a dificuldade dos indivíduos com o uso da

tecnologia, principalmente com os professores mais velhos, chamados de dinossauros da educação. Esta barreira também é muito comum na realidade de Cursos a Distância. Segundo Coelho (2007), “a falta de conhecimentos em tecnologia pelo docente e discente é uma das principais causas da evasão em cursos superiores a distância”. Já para Salaway (et al, 2008; Raccke and Bound-Raacke,2008) “as razões mais populares que dificultam a adoção das redes sociais no contexto educacional são: a falta de interesse, a sobrecarga de trabalho, falta de internet e pouca habilidade com recursos tecnológicos”.

Quanto ao uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem na escola, devemos considerar que as mesmas, assim como qualquer outro recurso, necessitam ter uma proposta pedagógica que venha a nortear o seu uso na educação de forma responsável, para que esse uso seja eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Por ainda serem uma alternativa didática cuja viabilidade está sendo alvo de estudos e discussões, há também de se considerar as restrições a serem levadas ao debate em relação ao uso educacional das redes sociais.

É algo consumado que ao adentrarmos numa rede social virtual, principalmente se essa for aberta (como, mais uma vez exemplificando, o Facebook), a qual a escola não pode garantir a privacidade de uso, é necessário se adotar precauções em relação a quais informações pessoais que irão circular na rede e serão vinculadas a sua conta, de forma a evitar que as mesmas nos levem a sermos alvos de ações criminosas, sejam elas virtuais (*assédio, cyberbullying, etc.*) como também presenciais (roubos, violências diversas, trotes e outros procedimentos) desagradáveis;

Outro elemento que gera resistência em relação ao uso das redes sociais é o fator físico. Nem todos possuem as mesmas condições para que se tornem acessíveis a realidade que aqui propomos – escolas que não possuem um laboratório de informática adequado e com boas condições de funcionamento, alunos que não tem acesso a um computador potente ou a internet com velocidade e definição suficientes para que possam realizar e acompanhar as atividades

propostas, acabam se prejudicando em atividades que sejam desenvolvidas exclusivamente pelas redes sociais;

Além disso, destacamos a necessidade de um acompanhamento eficaz de professores e demais profissionais da educação, uma vez que nem todo conteúdo publicado poderá vir a ser alvo de exclusão depois. Silva (2009) define: “Devemos ter cuidado com o que publicamos nas redes sociais (artigos, opiniões, dados pessoais, comentários, respostas a outros usuários, etc.), porque nem sempre podemos reformular ou remover essas informações”.

Isso pode virar uma bola de neve e gerar problemas para quem publicou, para quem for o alvo, e até para aqueles que venham a compartilhar. Assim sendo, os alunos precisam de orientação naquilo que venham a publicar e soltar na rede, algo que venha a ser claro e eficaz dentro das atividades propostas, principalmente naquilo que terá caráter avaliativo.

Harasim (2005, et al) também destaca outros pontos e problemas que podem surgir com o uso de redes sociais na educação e nos processos de aprendizagem:

Ocorrência de dificuldades técnicas - tanto alunos como professores podem ter dificuldades no uso das redes ao se depararem com problemas técnicos tais como dificuldades no acesso, na execução de procedimentos (downloads, uploads, por exemplo) problemas de conexão, dificuldades no manuseio de softwares e aplicativos, entre outros;

A “ansiedade de comunicação” – os usuários iniciantes ficam ansiosos em saber se suas mensagens chegaram e também em receber respostas imediatas aos seus questionamentos; os usuários das redes virtuais devem saber que o “diálogo” apresenta diferenças em termos de velocidade entre perguntas e respostas, principalmente em atividades assíncronas; determinados tipos de atividades na rede exigem um tempo diferenciado do real;

Excesso de informações na rede ou “Infoglut” – esse termo se refere ao problema de excesso, de sobrecarga de informações na rede, ou seja, quando uma atividade na mesma é focada em algum objetivo educacional, deve-se ter um controle, um filtro em relação à quantidade e tipo de informações que circulam na rede, para evitar que informações que não são relacionadas aos objetivos da atividade acabem ocupando o espaço de outras mais necessárias e dessa forma confundam os alunos ou os tirem do foco do que estão fazendo;

Problemas na administração do tempo - as atividades em rede podem se tornar mais extensas do que as atividades presenciais, por isso é necessário um planejamento e controle mais rigoroso do tempo para evitar a dispersão ou mesmo a desistência em relação às atividades; tanto professores como alunos devem ter condições de acompanhar as atividades propostas, e para isso o planejamento do tempo é fundamental;

Dificuldades na condução das atividades (conversas, trabalhos, etc.) - as diversas atividades que ocorrem nas redes, para que contribuam no processo de ensino–aprendizagem necessitam ser planejadas de modo

eficaz e de forma que sejam possíveis de serem realizadas pelos alunos; se o professor cobra demais ou de menos, não orienta os alunos, não estabelece objetivos claros a serem atingidos, os alunos podem se desmotivar ou mesmo construir concepções equivocadas sobre algo;
Desenvolvimento de competição ao invés de cooperação entre os alunos - é necessário cuidado no tipo de atividades solicitadas aos alunos e também na condução das mesmas, porque um dos objetivos das atividades em rede é promover a cooperação entre os alunos, mas um dos equívocos mais comuns é com que sejam propostas atividades que promovem a competição, a rivalidade e o individualismo, saindo da perspectiva de uma aprendizagem colaborativa;
Dificuldades no estabelecimento da dinâmica de grupo, participação desigual dos usuários, má comunicação, ausência de apoio institucional e de planejamento estratégico, são ainda outros problemas apontados pelos autores (Harasim Et Al, 2005, visitado 29 de Setembro de 2015).

Poderíamos, ainda, listar outras inúmeras dificuldades, mas as que foram aqui já citadas surgem como um indicativo de que há muitos elementos a serem considerados para que o uso das redes, principalmente as sociais virtuais, sejam uma opção válida no processo de ensino-aprendizagem.

Como todo e qualquer instrumento que surge enquanto alternativa a ser trabalhada no cenário educacional e da aprendizagem, o uso das redes sociais, principalmente aquelas focadas em relacionamentos via web – como o multicitado Facebook – da forma e como discutimos aqui, pode trazer contribuições e avanços, assim como também problemas e prejuízos para o cenário educacional.

As tecnologias, mais clinicamente falando sobre as relacionadas a comunicação, abrem um leque bastante extenso de oportunidades e formas de interação e discussão entre os indivíduos, e por isso mesmo nas diversas formas em que se materializam – como por exemplo, as redes sociais virtuais – não podem ser deixadas de lado em relação as interferências que ocasionam em diversos caminhos da vida individual e coletiva, o meio social a que estamos inseridos.

O que vai garantir a eficácia, o que vai tornar isso num ganho da educação através do uso das redes no processo de ensino e aprendizagem é o fato de que devemos considerar que estas já fazem parte do dia a dia de uma grande maioria dos alunos e são utilizadas por estes em outros momentos, ou seja, a utilização das redes sociais na educação é algo que, pela familiaridade e facilidade que a atual geração apresenta em relação a manusear as mesmas, pode viabilizar uma melhora no rendimento e na motivação dos mesmos em relação à

aprendizagem, por ser um objeto de significativa relevância na vida da maioria deles, e sendo assim, as ações que forem desenvolvidas utilizando essa via recursal terão um significado bastante abrangente dentro do cotidiano desses alunos.

Também é preciso que os profissionais da educação, os pedagogos e demais especialistas busquem se inserir nesse novo cenário para que tire proveito educacional – a educação mediada pelo uso das tecnologias, principalmente as TIC's – Tecnologias da Informação e Comunicação, apropriando-se das linguagens, recursos, técnicas e métodos necessários para que possam estabelecer uma situação comunicacional com a geração de jovens que são cada vez mais inseridos nessa realidade contemporânea.

Por fim, ainda enfocando os professores e demais profissionais do meio pedagógico-educacional, o elemento mais urgente para tornar viável o uso das redes sociais dentro da escola é o fato que haja sensível toque por parte dos mesmos para que saibam explorar os recursos e demais facilidades que as redes apresentam, propondo atividades que foquem as diversas inteligências e faculdades, as habilidades dos alunos, de forma que esses se sintam desafiados, porém à vontade, e motivados na realização das atividades propostas; e que estas contribuam para que os mesmos frente a um universo que venha a se superlotar de informações, possam ter condições de saber selecioná-las, pinça-las a dedo, analisá-las e por fim transformá-las em conhecimentos válidos em seu universo pessoal e social.

Agora que traçamos algo fundamental, o escopo-mor desse trabalho, que é o uso consciente das redes dentro dos processos de educação para que venham a ter uma ótima influência dentro do aprendizado do aluno, é preciso traçar os limites comportamentais e suas eventuais consequências em caso de extrapolo. É o que se segue no capítulo a seguir.

6. COMPORTAMENTO E SEGURANÇA NAS REDES

Ainda que as redes sociais possam oferecer um leque bastante atraente e dinâmico para a educação, sendo um instrumento a ser utilizado com responsabilidade. E é exatamente esse ponto tocante que determina um limiar bastante fundamental entre o sucesso e o fracasso dessa metodologia que ganha cada vez mais espaço.

É preciso que haja um limite no comportamento individual e coletivo de cada usuário. Esse limite vai definir algumas esferas: a) como a pessoa pode vir a ser vista por seu círculo social; b) como ele se comporta em um ambiente público; c) o quanto ele expõe e qual o parâmetro entre o seguro e o perigoso.

Importante lembrar que esses aspectos podem traçar e definir o futuro didático, social, até o profissional do indivíduo.

É preciso que professores e familiares dos alunos façam parte desse ambiente interativo e saibam se comunicar a esse respeito, auxiliando os jovens estudantes.

Trataremos, portanto, dessas linhas limítrofes nas próximas páginas do presente trabalho.

6.1. O excessivo contato virtual nas redes em detrimento do contato real e físico

Nas redes sociais, as personalidades e características de cada um se misturam na multidão; informações e fotos se juntam a uma quantidade enorme de imagens, sobre aquilo que se faz, o que se fez ou ainda será feito. Há aqueles que dizem ser possível se relacionar com todas as possibilidades de conexões feitas na grande rede, mas se analisarmos de uma maneira mais detalhada, percebemos que isso também é bastante semelhante no mundo real e palpável, fora da internet: temos um círculo de amigos, colegas em determinados ambientes (escola, cursos, diferentes nichos e círculos), referências e demais características que dizem muito sobre o nosso cotidiano, incluindo pensamentos e localizações. Mas deve-se avaliar até que ponto a exposição é benéfica e/ou real, ainda mais no mundo virtual.

Já versou sobre o tema, Giardelli (2012, p. 17):

O mundo on-line parece um grande palco de teatro de espelhos, no qual o tímido se torna extrovertido, o calmo se torna visceral, o rude se torna romântico. A inconveniência da verdade é criar um alterego digital acima da lei, viver uma vida paralela completamente diferente da real, que permite namorar em Paris, tomar café com amigos virtuais em Roma, pular de paraquedas do Everest ou visitar uma praia de hedonismo no Caribe. (Giardelli, 2012, p. 17).

Através das redes sociais vemos pessoas expondo não apenas suas ideias, mas junto disso vêm valores, preconceitos e sentimentos, ainda que em boa parte deles sejam os mais íntimos possíveis. É um caderno à mostra, com suas capas escancaradas pra quem quer que possa ter acesso a isso. Assumir um relacionamento sério ou não, por exemplo, passam para o status do Facebook, deixando de ser um conflito meramente pessoal. O que vem a ser dito reflete direta e instantaneamente na vida pessoal e profissional. As pessoas se conectam e tem nesse ambiente um mundo abstrato que oferece a chance de interação no amplo sentido da comunicação digital.

As palavras são cada vez menos utilizadas. O espaço fora tomado por vídeos e imagens com frases feitas e que são capazes de expressar o humor de uma pessoa durante o dia. A conversa, a leitura, tornaram-se fragmentados e fora de qualquer linearidade. Nesse complexo universo é possível realizar atividades que vão desde os jogos de passatempo e receber felicitações de mais de centenas de amigos, ainda que não se tenha tido qualquer ligação ou abraço, sem que nunca tenha visto antes.

O contato entre as pessoas mudou de identidade. Alex Primo (2007, p. 65) versa: “o comportamento de uma pessoa afeta o comportamento do outro interagente, ao mesmo tempo em que o primeiro é afetado pelo outro”. Mas quando se trata de uma interação entre pessoa e máquina, assim, sem qualquer contato físico, a reação dependerá do que foi previamente prescrito.

Analisando, ainda, a qualidade dessa intercomunicação, fazemos clara citação ao tempo utilizado para a ação de comunicar-se e transmitir informações. Na rede somos abarrotados por uma cacofonia dessas informações que chegam de todos os métodos possíveis devido à uma imensa quantidade de contatos e também à nova liquidez de se absorver muita coisa em pouco tempo. É o famoso “saber um pouco de tudo e não muito de alguma coisa”.

Wolton (2003, p.105) afirma:

Com a internet, não há mais o que se chama, de maneira inábil, de “vida privada”, mas que exprime, contudo, uma vontade de poder conservar uma distância entre si e os outros, de fechar as portas. [...] Subsiste um espaço onde cada um fabrica a sua liberdade. (Wolton, 2003, p.105).

Ele criou o termo “solidões interativas” para explicar acerca de uma sociedade na qual os seres humanos, liberados de obrigações e determinadas regras legais do plano real, também confirmam a realidade dificultosa de entrar em contato com o outro. Afinal, “pode-se ser um exímio internauta e ter grandes dificuldades em estabelecer um diálogo com o vizinho do cibercafé” (WOLTON, 2003, p. 103). As dificuldades em se criar laços de relacionamento trazem mais pessoas para a cápsula segurança, a bolha de ter um círculo virtual, do mundo virtual, onde se recriam prazeres e conflitos comuns do dia a dia, mas sem a dualidade necessária da face a face, da comunicação cara a cara. Temos sempre uma saída, um clique para desconectar-se. O que é bastante contraditório, uma vez que a vida está exposta nas redes sociais, à vista para análises, julgamentos e intervenções.

A liberdade que é dada pelas possibilidades da interatividade on-line deve ser discutida de maneira veemente quando se torna também prisioneira da vida real. O quarto do usuário vira a cela da alma, e seu computador torna-se a porta para um mundo de redes sociais, o buraco da fechadura por onde todos podem espiar e descobrir o melhor momento para se manifestar, sempre com um pensamento de acordo com o que as pessoas esperam. Ou, de modo contrário, reagir de uma forma controversa, que não se espera na multidão. As pessoas ficam submersas em atitudes muitas vezes egoísta, com um narcisismo exacerbado, declaram-se com déficit de atenção e também esperam serem ouvidas, pronunciando-se para o mundo. Uma infinidade de sentimentos aflora e morre nas redes sociais, sem qualquer banho de sol.

No livro que fora batizado como “Abaixo das Nuvens” (Carvalho, Lucas M., 2012) a vida é apresentada com retratação através da era virtual. A história se passa no longínquo ano de 2064, um futuro não muito distante mas que ainda inspira certas utopias, e remonta a saga de uma humanidade que não possui qualquer interação entre si no plano real, apenas pelo plano virtual.

O isolamento das pessoas, ou as “solidões interativas” de Wolton (2003), aparece de uma maneira totalmente despuorada. Na trama, os navegantes do plano virtual podem assumir diversas formas (ou avatares, como são definidas) e viver uma segunda vida por ali, ou seja: estudar, consumir, trabalhar e se relacionar através de imagens, tudo mediado por um complexo simulador de vida eletrônica, sem qualquer compromisso com a realidade. Uma história baseada no “Second Life”, um jogo virtual de rede social que simulava exatamente isso, como descrito no livro. Ali o espaço é livre para fazer o que quer, sem referências reais sobre aqueles que estão do outro lado da tela.

O limite entre o real e o virtual é totalmente ultrapassado e o alterego ganha um plano de destaque. Na obra aqui discutida, de Lucas M. Carvalho (2012), o usuário 097033, personagem principal da trama, mostra o seu ponto de vista sobre o sistema que é capaz de marginalizar, assim como temos na vida real, as pessoas que não se enquadram em um padrão social estipulado. Os usuários que excedem uma cota de projeção criada para coibir o ser ficam endividados, têm seus avatares e dados confiscados, suas contas apagadas.

Em uma passagem do livro, há um homem que se passa por uma bela princesa, na verdade não passava um homem infeliz e deitado por horas a fio em uma cama com um processador virtual, que é descrito da seguinte maneira: “um ser repugnante, medíocre e digno de pena. Era um ser humano. O usuário 274850 era quase uma aberração, obeso mórbido, pegajoso” (Carvalho, 2012, p.12).

Uma ficção que poderia expressar o futuro não apenas da educação, mas também da humanidade que se deixa tomar pela tecnologia e esquece a interação face a face, de controlar-se mediante limites seguros e sadios, se afasta do mundo real, onde se faz necessário aprender a lidar com as próprias angústias e desejos além de dosar as culpas que carregamos nos ombros. Que sirva de norte para refletirmos sobre os limites comportamentais de nossos alunos em suas respectivas páginas nas redes sociais.

6.2. O dilema da segurança de personalidade nas redes sociais

Giardelli (2012, p.17), afirma:

O mundo on-line parece um grande palco de teatro de espelhos, no qual o tímido se torna extrovertido, o calmo se torna visceral, o rude se torna romântico. A inconveniência da verdade é criar um alterego digital acima da lei, viver uma vida paralela completamente diferente da real, que permite namorar em Paris, tomar café com amigos virtuais em Roma, pular de paraquedas do Everest ou visitar uma praia de hedonismo no Caribe. (Giardelli, 2012, p.17).

O mundo virtual oportuniza-nos o poder para ser o que se quer ser no espaço das relações virtuais, sem se declarar, ou, até mesmo para exhibir aquilo que não se tem coragem para ressaltar na vida social em geral. Para a psicanálise, o alterego é o “eu inconsciente”, melhor descrito como alguém bastante íntimo sobre quem se deposita toda a confiança que se pode ter, uma representação da melhor essência pessoal que temos, seja essa definida como a mais poderosa, ou a mais carinhosa, ou mais sagaz, ou heroica etc.

Aqui, nesse ponto, entra não somente a carga cultural em que a pessoa está socialmente inserida, mas também toda a sua experiência de vida e subjetividade psicológica que carrega. Tomamos como exemplo as palavras de Suely Rolnik para explicar o que é esta subjetividade: nos deparamos com aquilo que ainda nos passa despercebido aos olhos nus e que, de algum modo, tenta se expressar nas redes sociais e na internet em geral.

“Por ora, o que vislumbramos da subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc – que recorta o espaço, formando um interior e um exterior” (Rolnik, 2005, p.25). Segundo o que a autora, temos um olhar desatento que enxerga uma superfície compacta, não possui uma visão de campo, periférica, que nos dá a impressão de que o perfil é imutável, sólido. Eis que surge a possibilidade da multiplicação dos olhares sobre essa questão que possui diversas fronteiras ainda não ultrapassadas – e se nos é permitido, ainda sequer são conhecidas. A separação entre o mundo interior e exterior se junta à separação entre o virtual e o real que aqui tanto destacamos. O mundo interior parece se expressar muito mais no espaço virtual, com os famosos “textos de desabafo” postados nas redes sociais, sem necessariamente que a própria pessoa que expressa note isso. Há riscos e vantagens nesse contexto.

Gil Giardelli escancarou uma questão de suma importância sobre o modo de ser nas redes sociais, trazendo uma reflexão batizada de “Você é o que você compartilha”.

Ao ponderarmos a existência de separação entre o real e o virtual, pode-se dizer que somos o que compartilhamos em sua plenitude da palavra? A presença nas redes sociais também sofre a influência da moral e da cultura na qual a pessoa está socialmente inserida.

Portanto, podemos dizer que há variadas manifestações das instâncias psíquicas mais aprofundadas de nosso subconsciente, como o id, e também que aflora um novo modo de expressão e interatividade. Neste novo espectro, criam-se caminhos para que se distorçam informações, para revelações inusitadas e confirmações de determinadas personalidades. Pessoas se fazem passar por outras muito antes das redes sociais chegarem, mas sim sob todas as influências que carregam em suas experiências. Outras plataformas que exemplificam isso são os chats, que apresentam um ambiente virtual onde é possível utilizar apelidos e criar versões de si mesmo, ou até daquilo que desejava-se ser.

As relações sociais ganham novos formatos e novas plataformas, mas, ao mesmo tempo em que se tem toda a atenção voltada para a presença conectada, também se criam distanciamentos físicos nunca antes alcançados.

As redes sociais revelam valores e comportamentos das pessoas, apresentando reforço negativo ou positivo que contribuem para a manutenção ou mudança de atitudes e posicionamentos. É preciso saber aproveitar o positivo e dosar o negativo. Antes que criemos um monstro ao invés de uma ferramenta de ensino.

CONCLUSÃO

Após um árduo trabalho de pesquisas, leituras e muita discussão, apresentamos aqui aquilo que é fruto de um construto social cada vez mais calorosamente debatido entre especialistas, pedagogos, educadores e demais estudiosos do ramo da educação: como as redes sociais influenciam na educação dos nossos jovens, além de seu modo de intersectar no comportamento desses jovens estudantes?

Defendemos aqui, portanto, de maneira conclusiva, as benéficas que as redes sociais podem trazer para o processo de ensino e aprendizagem dentro da nossa educação básica. E assim o fazemos por reconhecer a importância de adequação de nossos educadores às novas metodologias de ensino, algo que segue diretamente a nossa realidade tecnológica contemporânea. Defendemos que novas perspectivas de ensino surgem contemporaneamente tendo por base a complementação dinâmica propiciada por novas tecnologias, além de visar um melhoramento no foco pedagógico, com a finalidade de solidificar novas aprendizagens. Aparecem, assim, novas formas de se combinar tecnologia e ensino, transformando e dando o caráter da fluidez que já atribuímos para a pedagogia. Empregam-se novos meios na educação.

É preciso trazer para a escola a realidade que temos fora dela, e não a via contrária. A realidade social reflete diretamente em nossa aprendizagem, enquanto alguns tradicionalistas ainda defendem que o caminho inverso ainda é o melhor trajeto. Repudiamos essa ideia de que a escola deva construir a realidade social.

Ora, devemos adequar à realidade dos alunos para que tenham eles mesmos motivação suficiente para transformar o compromisso de estudar e aprender num verdadeiro prazer ao agir na via do conhecimento. E ele não faz isso sozinho: os professores devem caminhar ao lado de seus alunos, junto das respectivas famílias, num processo de aprendizagem que abranja a todos, onde cada esfera dessa transmissão de conhecimento seja atingida por algum novo construto.

O aluno ensina o professor, que ensina ao aluno. Ganha a sociedade. Portanto, desse prisma, não devemos excluir as redes sociais dessa

nossa realidade contemporânea. As redes *online* já fazem parte de nosso cotidiano, de nosso modo de agir, de nossas atividades diárias, corriqueiras. Por que não incluí-las e utiliza-las para um benefício que pode se fazer gigantesco dentro da educação básica de todas as esferas sociais?

Reconhecemos ao longo do presente trabalho a importância que tais plataformas podem fazer-se ter, utilizando de um leque de recursos bastante invejável que nunca foi antes verificado dentro da pedagogia e das metodologias de ensino.

Faz-se claro que reconheçamos os riscos e apresentemos os limites e cuidados que devemos ter ao explorar esses novos horizontes em prol de uma educação mais interativa, participativa. Mas isso não nos poda, não impede que a aplicação desses novos métodos se faça de maneira prática, eficaz, e com ótimos frutos.

Citamos, aqui, uma afirmação que fizemos no decorrer dessa discussão monográfica: “Se faz necessário salientar que isso só é possível a partir do momento em que “pensamos fora da caixa” e buscamos a inovação, irmos para além dos limites físicos da sala de aula”.

As paredes virtuais podem ser infinitas, assim como seus benefícios. Acreditamos que é preciso trazer o conteúdo, o assunto a ser trabalhado para o contexto contemporâneo dos alunos, para a sua realidade social, tecnológica. Afinal, somente quando houver uma capacidade desses alunos em associar o que se está tentando ensinar com o cotidiano em que estão inseridos é que ocorrerá uma aprendizagem efetiva. É um molde já bastante pautado pelos pedagogos e especialistas, onde a aprendizagem imita a vida e a recíproca também é verdadeira.

Portanto, somos defensores de que a educação deve adequar-se ao nosso processo tecnológico e incorporar as ferramentas sociais online para facilitar nos processos de aprendizagem de nossa educação básica. Reconheçamos aqui que devemos pautar limites, saber até onde podemos chegar. Mas concluímos que, apesar de inúmeras as discussões e debates entre pedagogos sobre os riscos de se utilizar tais plataformas, posicionamo-nos em prol de seu uso, colocando em primeiro plano sempre os benefícios que podemos atingir. É preciso, enquanto educadores, atingirmos o plano prático das ideias, e não apenas ficar em utopias, ideais sem qualquer resultado decorrente das tentativas que nunca faríamos. A educação pode vir a agradecer, e muito.

ANEXO - Questionário aplicado aos alunos

1. Qual a sua idade?

- Abaixo de 12 anos
- De 12 a 14 anos
- De 15 a 17 anos
- Acima de 18 anos

2. Qual o seu sexo?

- Feminino
- Masculino

3. Você utiliza alguma(s) rede(s) social (is) com frequência?

- Sim
- Não

4. Quantos dias por semana você acessa redes sociais?

- 1 ou 2 dias
- 3 ou 4 dias
- 5 ou mais dias
- Não utilizo

5. Em média, quanto tempo por dia você gasta acessando redes sociais?

- Até 1 hora
- Até 2 horas
- Até 5 horas
- Até 8 horas
- Acima de 8 horas
- Não utilizo

6. Em sua opinião, qual a maior vantagem de ter um perfil em uma rede social?

- Troca de informações fácil e rápida
- Acompanhamento de atualizações
- Novas amizades
- Estudos
- Não utilizo

7. Para qual finalidade você utiliza as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

- Lazer e entretenimento
- Comunicação
- Trabalho
- Estudos
- Não utilizo

9. Você considera as redes sociais importantes para seus estudos? Por que ?

10. O que os usuários buscam em uma rede social?

11. Você utiliza Redes Sociais? Quais?

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. S.; **Uma Análise da Utilização das Redes Sociais em Ambientes Corporativos**, 2009, 163 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

ALDA, Lucia Silveira. **NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS ALUNOS, NOVOS PROFESSORES? REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE.** 2012. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4668.pdf>. Acessado em 28/07/2015.

ALEXA, **Top 500 Global Sites**. Disponível em: <http://www.alexa.com/topsites>. Acessado em 04/08/2015.

ARCHAMBAULT, I., Janosz, M., Fallu, J., & Pagani, L. (2009). **Student engagement and its relationship with early high school dropout**. Trad Google. Journal of Adolescence, 32, p. 651 – 670.

BANDEIRA, Zeca. **“Qualificação aproxima professor das novas tecnologias”**. Revista TV Escola. Nov/dez 2010, p. 29.

BBC. **Twitter hype punctured by study** (em inglês) BBC News (9 de junho de 2009). Visitado em 21 de agosto de 2015.

BOHN, Vanessa. **As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web**. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais26h.asp>. Acesso em: 28 de agosto de 2015.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto (1999). **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC.

CHAUÍ, Marilena. **Morte e vida do educador**. IN: BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. O Educador, vida e morte: escritos sobre uma espécie em perigo. São Paulo, Graal, 1982.

DEMO, Pedro. **Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DIARIO DO NORDESTE. **Facebook compra o Instagram por US\$ 1 bilhão**. Editora Verdes Mares Ltda. (10 de abril de 2013). Visitado em 25 de agosto de 2015.

FACEBOOK. **Information For Parents and Educators**. Visitado em 22 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/parents>.

FACEBOOK. **Facebook's latest news, announcements and media resources - Fact Sheet** - Facebook newsroom.fb.com. Visitado em 19 de agosto de 2015.

FARIA, Elaine Turk. **O PROFESSOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS**. Disponível em: http://clিকেaprenda.uol.com.br/sg/uploads/UserFiles/File/O_professor_e_as_novas_tecnologias.pdf. Acessado em: 27/07/2015.

FAVERO SOBRINHO, Antonio. **O ALUNO NÃO É MAIS AQUELE! E AGORA, PROFESSOR? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação**. 2010. Acessado em: 30/07/2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7176-4-1-aluno-nao-e-mais-aquele-antonio-favero&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192.

FELDMAN, Márcia. **TV na escola: nem Deus nem o Diabo na Terra do Sol, Presença Pedagógica**, v. 3, n.º 17, p. 16-23, Belo Horizonte, set./out., 1997.

FERRARI, Marcio. **Comênio - O pai da didática moderna** - Revista Nova Escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/pai-didatica-moderna-423273.shtml>. Acessado em 28/07/2015.

FLACH, Gilberto. **“Tecnologia, escola e juventude: uma sociedade de indivíduos”**. In CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt e SOUZA, Rui Antônio (org). Culturas Juvenis: Dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipurcs, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 25ª Edição. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FROMMER, Dan (1 de novembro de 2010). **Here's How To Use Instagram** (em inglês). Revista Business Insider. Visitado em 20 de agosto de 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. Pondé.

GALLO, Patrícia. **Orkut como ferramenta de aprendizagem**. IN: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (org.). Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação. Maceió: EDUFAL, 2006.

GENGNAGEL, Claudinei Lucimar. **“Apropriação das redes sociais no ensino superior: possibilidades, perspectivas e desafios para sala de aula”**. Anais do SENID 2012, p. 10. Disponível em: <http://senid.upf.br/2012/anais/96168.pdf>. Acesso em 1 de setembro 2015.

GIARDELLI, Gil. **Você é o que você compartilha: e-agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede**. São Paulo: editora Gente, 2012.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortes, Autores associados, 1987.

GLOBO. **Facebook finaliza aquisição do Whatsapp por US\$ 22 bilhões**. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2014/10/preco-de->

compra-do-whatsapp-pelo-facebook-sobe-us-22-bilhoes.html. Visitado em 19 de agosto de 2015.

GONZÁLEZ, M. (2010). **El Alumno Ante La Escuela y Su Próprio Aprendizaje: algunas líneas de investigación en torno al concepto de implicación**. Trad. Google. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, p. 11 - 31.

GUADALUPE, T. (2007) **Violência nas Escolas: Testando Teorias de Controle Social**. Dissertação de mestrado em Sociologia. Belo Horizonte, Universidade federal de Minas Gerais.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

HARASIM, Linda (Et al). **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

IPSOS, Instituto. **O perfil do jovem estudante da rede pública e da rede privada**. 2003. Pesquisa disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_pesquisas/pesquisa_exclusiva/id160803.htm#1. Acessado em 29/07/2015.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pósmoderna**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, Vozes, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. Trabalho apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1997. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Marie Jane Soares. **“O Público e o Privado nas Redes Sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman”**. Anais do SENID 2013,p. 4. Disponível em: http://senid.upf.br/download/senid2013/Artigo_Completo/110913.pdf. Acesso em 1 de setembro de 2015

KOLOWICH, S. **“How will students communicate?”** Inside Higher Ed (6 January), Disponível em: http://www.insidehighered.com/news/2011/01/06/college_technology_officers_consider_changing_norms_in_student_communications, Acesso em 14/09/2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora? Novas tecnologias educacionais e profissão docente**. / José Carlos Libâneo, 4.ed. – São Paulo: Cortez, 2011 – (Coleção Questão da Nossa Época; v.2).

LOPES, João Teixeira. **A página da educação**. João Teixeira Lopes em entrevista. Disponível: em <<http://www.apagina.pt/>>. Acesso: em 25/07/2015.

LUÍS, André. (22 do junho de 2013). **WhatsApp atinge a marca de 250 milhões de usuários ativos**. Portal Zuti, disponível em: <http://zuti.com.br/whatsapp-atinge-a-marca-de-250-milhoes-de-usuarios-ativos/>. Acessado em 25/08/2015.

MAGRÍN, Diego Henrique. **A Utilização do Facebook como Ferramenta Alternativa de Ensino-Aprendizagem**. Revista Gestão Universitária, ed. 314.

MARKWELL, D. (2007). **The Challenge of Student Engagement**. Trad. Google. Australia, University of Western.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. p. 73-86. Papiros, 2007.

MORAN, J. M. Educar o educador. MORAN, J. M., MASETTO, M. e BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p.1217.

NEWMANN, F. (1992). **Student engagement and achievement in American secondary schools**; Trad. Google. p. 1-13. New York: Teachers College.

O'REALLY, T. "**What is Web 2.0? Design Patterns and business models for the next generation of software**". Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 31 de agosto 2015.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda,1993.

PEREZ-GOMES A.I.. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**, Porto Alegre, Artmed, 2001.

PILETTI, Claudino e Nelson. **História da Educação de Confúcio a Paulo Freire**. 2014.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B. **A Educação Danificada: Contribuições À Teoria Crítica da Educação**. 2. ed. PETRÓPOLIS-RJ/SÃO CARLOS-SP: VOZES/EDUFSCAR, 1998. p. 263.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura**. In LINS, Daniel (org). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas/SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. São Paulo, Cortez, 1996.

SANTOS, Fernando S. de Miranda. **O BURACO DA FECHADURA DAS REDES SOCIAIS VIDA REAL VERSUS VIDA VIRTUAL**. Disponível em: http://www.conrerp3.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Artigo_Nanda-Soares-O-Buraco-da-fechadura-das-redes-sociais.pdf. Acessado em: 27/07/2015.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 6ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados. 1997

SILVA, Jomar. **10 cuidados que devemos tomar em redes sociais**. IN: Revista Espírito Livre. Dezembro de 2009. Pp 28-32. Disponível em: <HTTP://revista.espiritolivre.org>.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **“Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade”**. 8ª Ed. São Paulo: Érica, 2008.

VASCONCELOS, C. S. (1997). **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo; Libertad.

VYGOTSKY, L.S. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Trad. Juan Acuña Llorena. 3ªed. Porto Alegre, Artes Médicas.

WIKIPEDIA. **Twitter**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>. Acessado em 25/08/2015.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**; Porto Alegre: Sulina, 2003.

YOAV BEN-DOV. **Convite à Física**. Jorge Zahar Editor Ltda, 1996. p. 28.